



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

BRENDA KATHELLEN MELO DE ALMEIDA

**AS REALIZAÇÕES DAS VOGAIS /E/ E /O/
PRETÔNICAS NO FALAR CULTO DE FORTALEZA-
CE SOB A PERSPECTIVA VARIACIONISTA**



FORTALEZA – CE

2017

BRENDA KATHELLEN MELO DE ALMEIDA

**AS PRETÔNICAS MÉDIAS /E/ E /O/ PRETÔNICAS NO
FALAR CULTO DE FORTALEZA-CE SOB A PERSPECTIVA
VARIACIONISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação

Orientadora: Dra. Aluiza Alves de Araújo

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Almeida, Brenda Kathellen Melo de .

As realizações das vogais /E/ e /O/ pretônicas no falar culto de Fortaleza-CE sob a perspectiva variacionista [recurso eletrônico] / Brenda Kathellen Melo de Almeida. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 114 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.ª Ph.D. Aluiza Alves de Araújo.

1. Vogais. 2. Pretônicas. 3. Variação. 4. Fortaleza-CE. I. Título.

BRENDA KATHELLEN MELO DE ALMEIDA

AS REALIZAÇÕES DAS VOGAIS /E/ E /O/ PRETÔNICAS NO FALAR CULTO
DE FORTALEZA-CE SOB A PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 14/12/2017

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho
Universidade Estadual do Ceará – UECE

A minha mãe e a minha vó.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte da minha determinação e coragem.

A minha família pelo confiança e pelo apoio.

Aos meus amigos queridos Gabriel, Luana e Geórgia pelos bons momentos juntos e pelo incentivo desde a graduação.

A minha professora e orientadora Dra. Aluiza por acreditar no meu potencial desde 2011 e pela paciência concedida durante o meu amadurecimento acadêmico.

A todos os meus colegas de pós-graduação no POSLA, em especial, Ana Germana, Tatiane e Jéssica por serem fonte de inspiração para a jornada discente e docente.

As minhas amigas e companheiras Lidiane e Rakel por estarem sempre presentes e compartilharem as certezas e as dúvidas decorrentes de nossos estudos.

A todos os professores do curso de Letras da UECE, e também a todos os professores do PosLA, por conduzirem o meu aprendizado da melhor maneira possível.

Ao Prof. Dr. Wilson Jr. e aos coordenadores do PosLA, Prof. Dra. Cibele Gadelha e ao Prof. Dr. João Batista.

Ao professor José Lemos Monteiro, idealizador do PORCUFORT, e toda a sua equipe, responsáveis por gravar e catalogar todos os inquéritos deste banco de dados.

Aos informantes do PORCUFORT, pela generosidade em participar deste projeto, pois sem os mesmos não existiria registro da norma culta de Fortaleza-CE, e nem esta dissertação.

A todos os funcionários do CClín e da secretaria do PosLA, especialmente a Jamile Azevedo, pela disposição e atenção dedicadas.

A CAPES, pelo indispensável apoio financeiro durante todo o período do mestrado.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

(Guimarães Rosa)

RESUMO

Sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, investigamos a variação das vogais médias pretônicas /E/ e /O/ na fala culta de Fortaleza-CE. Este fenômeno caracteriza-se pela alternância de três regras: o abaixamento, m[ɛ]nino e b[ɔ]lacha; a manutenção, m[e]nino e b[o]lacha; e o alteamento, m[i]nino e b[u]lacha. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é analisar a influência dos fatores linguísticos (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, atonicidade, tipo de vogal tônica, tipo de átona seguinte, distância da vogal tônica, estrutura da sílaba e classe do vocábulo) e extralinguísticos (sexo, monitoramento estilístico e faixa etária) sobre as três regras, bem como verificar se as vogais pretônicas estão em variação estável ou em mudança em progresso e apontar quais regras são mais produtivas na nossa amostra. Para isso, selecionamos uma amostra de 34 informantes, provenientes do banco de dados PORCUFORT (Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza) e estratificados de acordo com sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I 22-35, faixa II 36-49 e faixa III 50 ou mais) e monitoramento estilístico (DID, D2 e EF). Ao todo, foram ouvidas cerca de 30 horas de gravações, nas quais, catalogamos 3.206 ocorrências da vogal anterior, e 2.654 ocorrências da vogal posterior. Os dados coletados e codificados foram submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X. Os resultados revelaram que, dentre as vogais anteriores, a manutenção (49%) é a regra mais aplicada entre os nossos informantes, já, entre as posteriores, a regra mais produtiva é o abaixamento (46%). O alteamento, tanto para as anteriores quanto para as posteriores, apresentou os menores índices percentuais nesta amostra. Os grupos de fatores relevantes selecionados em todas as rodadas, tanto para /E/ quanto para /O/, foram: tipo de vogal tônica, tipo de átona seguinte, contexto fonológico seguinte, atonicidade, faixa etária e monitoramento estilístico. Notamos que o fenômeno da variação das pretônicas é, predominantemente, influenciado por fatores de ordem linguística, e que este está em variação estável.

PALAVRAS-CHAVE: Vogais. Pretônicas. Variação. Fortaleza-CE. Norma culta.

ABSTRACT

From the perspective of Variationist Sociolinguistics, we investigated the variation of the pretonic middle vowels in the educated speech of Fortaleza-CE. This phenomenon is characterized by the alternation of three variants: the lowering, m[ɛ]nino and b[ɔ]lacha; the maintenance, m[e]nino and b[o]lacha; and the elevation, m[i]nino and b[u]lacha. Thus, the purpose of this research is to analyze the influence of linguistic factors (previous phonological context, following phonological context, atonicity, tonic vowel type, next atonic type, tonic vowel distance, syllable structure and word class) and social (sex, stylistic monitoring and age group) on this phenomenon. Also check if pretonic vowels are in stable variation or in change in progress and find out which variants are most commonly used. For this, we selected a sample of 34 informants, from the database PORCUFORT (Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza). Our informants were stratified according to gender (male and female), age group (range I 22-35, range II 36-49 and range III 50 or more) and stylistic monitoring (DID, D2 and EF). In all, about 30 hours of recordings were heard, in which, we cataloged 3,206 occurrences of the previous vowel, and 2,654 occurrences of the posterior vowel. After data collection, we coded and submitted them to the statistical analysis of the GoldVarb X program. Separate analyzes were performed for the anterior and posterior vowels. The results showed that among the previous vowels, maintenance (49%) is the most used by the educated informants of Fortaleza, among the later vowels, the reduction (46%) is the preferred rule. High variants, both anterior and posterior, were not favored in this sample. The groups of relevant factors selected were: tonic vowel type, next atonic type, next phonological context, atonicity, age range and stylistic monitoring. Therefore, we notice that the phenomenon of the pretonic variation is predominantly influenced by linguistic factors, and it is present in stable variation.

KEYWORDS: Vowels. Pretonic. Variation. Fortaleza-CE.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atuação do contexto fonológico precedente sobre a regra de abaixamento	30
Quadro 2 – Atuação do contexto fonológico seguinte sobre a regra do abaixamento	31
Quadro 3 – Atuação da atonicidade sobre a regra do abaixamento.....	31
Quadro 4 – Atuação do tipo de vogal tônica sobre a regra de abaixamento	32
Quadro 5 – Atuação do tipo de átona seguinte sobre a regra de abaixamento	33
Quadro 6 – Atuação da distância da tônica sobre a regra do abaixamento	34
Quadro 7 – Atuação da estrutura da sílaba sobre a regra de abaixamento	34
Quadro 8 – Atuação da classe do vocábulo sobre o abaixamento.....	35
Quadro 9 – Atuação do sexo/gênero sobre a regra do abaixamento	35
Quadro 10 – Atuação da faixa etária sobre a regra do abaixamento	36
Quadro 11 – Atuação do monitoramento estilístico sobre a regra do abaixamento	36
Quadro 12 – Atuação do contexto fonológico precedente sobre a regra de manutenção	37
Quadro 13 – Atuação do contexto fonológico seguinte sobre a regra da manutenção	38
Quadro 14 – Atuação da atonicidade sobre a regra da manutenção.....	38
Quadro 15 – Atuação do tipo de vogal tônica sobre a regra da manutenção	39
Quadro 16 – Atuação do tipo de átona seguinte sobre a regra de manutenção.....	39
Quadro 17 – Atuação da distância da tônica sobre a regra de manutenção.....	40
Quadro 18 – Atuação da estrutura da sílaba sobre a regra de manutenção.....	41
Quadro 19 – Atuação da classe do vocábulo sobre a regra da manutenção	41
Quadro 20 – Atuação do sexo/gênero sobre a regra da manutenção.....	42
Quadro 21 – Atuação da faixa etária sobre a regra da manutenção	42
Quadro 22 – Atuação do monitoramento estilístico sobre a regra da manutenção	43
Quadro 23 – Atuação do contexto fonológico precedente sobre a regra de alteamento	44
Quadro 24 – Atuação do contexto fonológico seguinte sobre regra do alteamento	45

Quadro 25 – Atuação da atonicidade sobre a regra do alteamento	45
Quadro 26 - Atuação do tipo de vogal tônica sobre a regra do alteamento	46
Quadro 27 – Atuação do tipo de átona seguinte sobre a regra do alteamento	47
Quadro 28 – Atuação da distância da tônica sobre a regra de alteamento	47
Quadro 29 – Atuação da estrutura da sílaba sobre a regra do alteamento	48
Quadro 30 – Atuação da classe do vocábulo sobre a regra do alteamento	48
Quadro 31 – Atuação do sexo/gênero sobre a regra de alteamento	49
Quadro 32 – Atuação da faixa etária sobre a regra do alteamento	49
Quadro 33 – Atuação do monitoramento estilístico sobre a regra da alteamento .	50
Quadro 34 – Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas na amostra	53
Quadro 35 – Distribuição dos informantes por número de inquérito, sexo, bairro, atividade exercida, e formação acadêmica	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência de uso das variantes da vogal pretônica /E/	70
Gráfico 2 - Frequência de uso das variantes da pretônica /E/ em Fortaleza e Recife	71
Gráfico 3 – Frequência de uso das variantes [ɛ] x [e] para a vogal pretônica /E/ ..	72
Gráfico 4 – Frequência de uso das variantes [e] x [ɛ] para a vogal anterior /E/	73
Gráfico 5 – Frequência de uso das variantes [e] x [i] para a vogal pretônica /E/ ...	74
Gráfico 6 – Frequência de uso das variantes da vogal pretônica /O/	87
Gráfico 7 - Frequência das variantes da vogal pretônica /O/ em Fortaleza e Recife	88
Gráfico 8 – Frequência de uso das variantes [ɔ] x [o] para a vogal pretônica /O/ .	89
Gráfico 9 – Frequência de uso das variantes [o] x [ɔ] para a vogal pretônica /O/ .	90
Gráfico 10 – Frequência de uso das variantes [u] x [o] para a vogal pretônica /O/	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atuação da variável contexto fonológico precedente sobre a pretônica /E/	75
Tabela 2 – Atuação da variável contexto fonológico seguinte sobre a pretônica /E/	76
Tabela 3 – Atuação da variável atonicidade sobre a pretônica /E/	78
Tabela 4 – Atuação da variável tipo de vogal tônica sobre a pretônica /E/	79
Tabela 5 – Atuação da variável tipo de vogal seguinte sobre a pretônica /E/	80
Tabela 6 – Atuação da variável distância da sílaba tônica sobre a pretônica /E/	82
Tabela 7 – Atuação da variável estrutura da sílaba sobre a pretônica /E/	83
Tabela 8 – Atuação da variável classe do vocábulo sobre a pretônica /E/	83
Tabela 9 – Atuação da variável sexo sobre a pretônica /E/	84
Tabela 10 – Atuação da variável faixa etária sobre a pretônica /E/	85
Tabela 11 – Atuação da variável monitoramento estilístico sobre a pretônica /E/	86
Tabela 12 – Atuação da variável contexto precedente sobre a pretônica /O/	92
Tabela 13 – Atuação da variável contexto fonológico seguinte sobre a pretônica /O/	93
Tabela 14 – Atuação da variável atonicidade sobre a pretônica /O/	95
Tabela 15 – Atuação da variável tipo de vogal tônica sobre a pretônica /O/	95
Tabela 16 – Atuação da variável tipo de átona seguinte sobre a pretônica /O/	97
Tabela 17 – Atuação da variável distância da vogal tônica sobre a pretônica /O/	98
Tabela 18 – Atuação da variável estrutura da sílaba sobre a pretônica /O/	99
Tabela 19 – Atuação da variável classe do vocábulo sobre a pretônica /O/	99
Tabela 20 – Atuação da variável sexo sobre a pretônica /O/	100
Tabela 21 – Atuação da variável faixa etária sobre a pretônica /O/	101
Tabela 22 – Atuação da variável monitoramento estilístico sobre a pretônica /O/	102

LISTA DE SÍMBOLOS

- [a]: vogal oral, central, baixa, aberta
- [æ]: vogal oral, central, média, fechada
- [ɛ]: vogal oral, anterior, média, aberta
- [e]: vogal oral, anterior, média, fechada
- [ẽ]: vogal nasalizada, anterior, média, fechada
- [i]: vogal oral, anterior, alta, fechada
- [ĩ]: vogal nasalizada, anterior, alta, fechada
- [ɔ]: vogal oral, aberta, posterior, média
- [o]: vogal oral, fechada, posterior, média
- [õ]: vogal nasalizada, posterior, média, fechada
- [u]: vogal oral, posterior, alta, fechada
- [ũ]: vogal nasal, posterior, alta, fechada
- [j]: semivogal oral, anterior
- [ɥ]: semivogal oral, posterior
- [v]: fricativa, labiodental, sonora
- [h]: fricativa, glotal, surda
- [ɦ]: fricativa, glotal, sonora
- [s]: fricativa, alveolar, surda
- [z]: fricativa, alveolar, sonora
- [ʃ]: fricativa, palato-alveolar, surda
- [t]: oclusiva, dental, surda
- [d]: oclusiva, dental, sonora
- [b]: oclusiva, bilabial, sonora
- [ɖ]: oclusiva, alveolar, palatalizada, sonora
- [n]: oclusiva, nasal, alveolar, sonora
- [k]: oclusiva, velar, surda
- [l]: lateral, alveolar, sonora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	22
3	AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS	27
3.1	PROCESSOS FONOLÓGICOS	27
3.2	ESTUDOS DE BASE SOCIOLINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	28
3.2.1	Revisão dos grupos de fatores para a regra de abaixamento	30
3.2.2	Revisão dos grupos de fatores para a regra da manutenção	37
3.2.3	Revisão dos grupos de fatores para a regra do alteamento	44
4	METODOLOGIA	52
4.1	A AMOSTRA E OS INFORMANTES.....	52
4.1.1	Contextos socioeconômico e político da década de 1990	57
4.2	ENVELOPE DE VARIAÇÃO	60
4.2.1	Variável dependente	60
4.2.2	Variáveis independentes	61
4.2.2.1	Variáveis linguísticas.....	61
4.2.2.2	Variáveis extralinguísticas.....	65
4.3	LEVANTAMENTO DE DADOS	67
4.4	CODIFICAÇÃO DOS FATORES	67
4.5	A ANÁLISE ESTATÍSTICA	68
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS	70
5.1	VISÃO GERAL DAS REGRAS DE ABAIXAMENTO, MANUTENÇÃO E ALTEAMENTO PARA /E/	70
5.1.1	Rodada para o abaixamento de /E/	72
5.1.2	Rodada para a manutenção de /E/	73

5.1.3	Rodada para o alteamento de /E/	73
5.2	ANÁLISE DAS VARIÁVEIS PARA A VOGAL ANTERIOR /E/	74
5.2.1	Contexto fonológico precedente	75
5.2.2	Contexto fonológico seguinte	76
5.2.3	Atonicidade	78
5.2.4	Tipo de vogal tônica	79
5.2.5	Tipo de átona seguinte	80
5.2.6	Distância da vogal tônica	82
5.2.7	Estrutura da sílaba	83
5.2.8	Classe do vocábulo	83
5.2.9	Sexo	84
5.2.10	Faixa etária	85
5.2.11	Monitoramento estilístico	86
5.3	VISÃO GERAL DAS REGRAS DE ABAIXAMENTO, MANUTENÇÃO, E ALTEAMENTO PARA /O/	87
5.3.1	Rodada para o abaixamento de /O/	88
5.3.2	Rodada para a manutenção de /O/	89
5.3.3	Rodada para o alteamento de /O/	90
5.4	ANÁLISE DAS VARIÁVEIS PARA A VOGAL POSTERIOR /O/	91
5.4.1	Contexto fonológico precedente	92
5.4.2	Contexto fonológico seguinte	93
5.4.3	Atonicidade	95
5.4.4	Tipo de vogal tônica	95
5.4.5	Tipo de átona seguinte	97
5.4.6	Distância da vogal tônica	98
5.4.7	Estrutura da sílaba	99

5.4.8	Classe do vocábulo.....	99
5.4.9	Sexo	100
5.4.10	Faixa etária.....	101
5.4.11	Monitoramento estilístico.....	102
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
	REFERÊNCIAS	105
	ANEXOS	112

1 INTRODUÇÃO

A diversidade linguística no território brasileiro compreende variações em vários níveis da língua, como o morfológico e o semântico-pragmático, mas é, sobretudo, no nível fonético-fonológico que ficam mais patentes aos seus usuários as diferenças entre os falares de cada região. Logo, é trabalho dos sociolinguistas investigar e descrever as variações na língua para termos uma dimensão de como se configura o português brasileiro (doravante PB) ao longo da extensão do país.

Sendo assim, a variação das vogais médias pretônicas /E/ e /O/ é um fenômeno que tem levantado inúmeras investigações sociolinguísticas em todas as regiões do país, principalmente, pela necessidade de compreender o funcionamento do sistema vocálico átono do PB, como também pela tentativa de elucidar como se configuram as diferenças entre os falares de cada região do país. Segundo Amorim (2009), o fenômeno em questão compreende três possibilidades de realização no território brasileiro: o abaixamento, a manutenção e o alteamento. Para ilustrar estas possibilidades, retiramos de nossa amostra três ocorrências, representativas de cada regra: 1) médias abertas [ɛ] e [ɔ] que configuram o **abaixamento**, como em "p[ɛ]squisa" e "[ɔ]bjeto"; 2) médias fechadas [e] e [o] que configuram a **manutenção**, como em "s[e]leccionadas" e "p[o]rtadoras" e 3) altas [i] e [u] que configuram o **alteamento**, como em "s[i]guinte" e "intr[u]duzo"¹. Enfatizamos que o abaixamento é a passagem da vogal [e] para a vogal [ɛ], a manutenção é a permanência da vogal [e], e o alteamento é a passagem da vogal [e] para [i].

Os estudos prévios sobre o tema (NASCENTES [1922] 1953; MARROQUIM [1934] 1996; CÂMARA JR. [1940] 1988) postulam que as vogais médias fechadas são preferencialmente utilizadas pelos falantes das regiões Sul e Sudeste, enquanto as vogais médias abertas são as eleitas pelos falantes das regiões Norte e Nordeste. Embora o fenômeno tenha sido bastante estudado, não se esgotou a necessidade de continuar explorando o tema, pois dada a magnitude da extensão do nosso país, ainda

¹ As ocorrências foram retiradas do inquérito nº 21- DID do PORCUFORT.

estamos distantes de alcançar uma cobertura razoável em relação à investigação linguística dos fenômenos variáveis.

Nosso objetivo é investigar a variação das vogais médias pretônicas /E/ e /O/ na norma oral culta de Fortaleza-CE. Logo, tal propósito converge para os seguintes problemas:

a) As variáveis linguísticas, como contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, atonicidade, tipo de vogal tônica, tipo de átona seguinte, distância da vogal tônica, estrutura da sílaba e classe do vocábulo, favorece(m) o abaixamento, a manutenção e o alteamento de cada vogal?

b) As variáveis extralinguísticas, a saber, sexo, faixa etária e monitoramento estilístico favorecem a realização de cada vogal?

c) As vogais médias pretônicas estão em variação estável ou em mudança em progresso em direção à regra de manutenção?

d) Quais as regras mais produtivas para as vogais pretônicas /E/ e /O/?

Nossas hipóteses são as seguintes: a) as vogais pretônicas são influenciadas pela vogal tônica seguinte; b) as variáveis extralinguísticas exercem pouca influência sobre o fenômeno; c) as pretônicas estão em variação estável e d) o abaixamento é a regra mais produtiva para a vogal posterior, já, para anterior, a regra mais produtiva é a manutenção.

A realização desta pesquisa sobre as vogais médias pretônicas /E/ e /O/ se faz necessária, porque, na norma culta dos fortalezenses, até a realização desta pesquisa, não tínhamos nenhum trabalho sobre esse tema. Na cidade de Fortaleza-CE, há o estudo de Araújo (2007) que descreve a variação das pretônicas médias no falar popular, representados por informantes com escolaridade de zero a onze anos de estudo. No entanto, em relação ao falar culto da capital, não temos nenhum trabalho sobre as pretônicas médias.

Por fala culta, entendemos que é a fala pertencente ao grupo dos falantes cultos, “isto é, aqueles que sabem escolher a variante adequada, de acordo com as situações de interação” (PRETI, 1999, p. 23). No nosso banco de dados, o PORCUFORT,

todos também apresentam nível superior completo, critério adotado para a seleção dos informantes. Dito isso, ressaltamos a importância de analisarmos os fenômenos linguísticos em diferentes normas, para que possamos ter um entendimento mais aprofundado sobre os processos de variação, já que “as variedades linguísticas são motivadas por diferenças de ordem socioeconômica, como nível de renda familiar, grau de escolaridade, ocupação profissional, de ordem sócio-biológica, como idade e gênero, entre outros” (CAMACHO, 2011, p. 40).

Além disso, esta pesquisa pode colaborar com o ensino de língua materna, pois com a consciência de que as vogais pretônicas podem variar, o professor poderá orientar de forma adequada seus alunos, quando essas variações estiverem ocorrendo na sua escrita em função do apoio na oralidade por parte dos alunos. Segundo Oliveira, “O aprendiz, diante de um novo objeto de aprendizado, a escrita, constrói algumas hipóteses sobre o que seja esse objeto. Com base nessas hipóteses, o aprendiz começa as suas primeiras produções escritas” (OLIVEIRA, 2005, p.13). Ou seja, na fase de aquisição da escrita, os alunos costumam utilizar o seu conhecimento da língua oral na tentativa de “acertar” a ortografia da palavra. Além disso, é preciso diferenciar os erros de ortografia e os erros justificados pelas convenções da escrita, como assim diz Bortoni-Ricardo (2004):

é necessário que seja feita uma distinção funcional entre erros de ortografia que resultam da integração dos saberes no domínio da oralidade na aprendizagem da escrita e erros que se explicam porque a escrita é regida por um sistema de convenções cujo aprendizado é lento e depende da familiaridade que cada leitor vai adquirindo com a língua escrita. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 39)

Com base nisso, é necessário ressaltar que na língua escrita os desvios não são aceitos, pois “na língua escrita, errar é transgredir um código estabelecido ao longo de décadas ou séculos e prescrito por uma ortografia oficial, que, exceto em raríssimos casos, não prevê variação” (SILVA, 2011, p. 112).

Ademais, esta pesquisa pode contribuir com o registro das características do falar regional e, ainda, pode ajudar a ressaltar os aspectos culturais da localidade em estudo, pois conforme Camacho (2011):

É fácil detectar a variação motivada por diferenças na origem geográfica. Basta percorrermos o país para percebermos, por exemplo, que os falantes da região nordestina se caracterizam pela abertura sistemática da vogal pretônica de dezembro e colina, pronunciadas dézembro e cólina, sistematicamente fechada em outras regiões, em que é pronunciada como dêzembro e cõlina. (CAMACHO, 2011, p.40)

Logo, com a soma das pesquisas realizadas sobre as vogais médias pretônicas, será possível obter uma descrição mais acurada do sistema vocálico da língua portuguesa. Aqui apresentamos os trabalhos utilizados em nossa revisão de literatura, que nos auxiliaram na compreensão do fenômeno em pauta. Tais trabalhos foram os de: Silva (1989), feito em Salvador-BA; Yacovenco (1993), realizado no Rio de Janeiro-RJ, Celia (2004) em Nova Venécia-ES e Amorim (2009) em Recife-PE.

Por fim, salientamos que este projeto de pesquisa faz parte do projeto "Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza-CE", coordenado pela Prof^a. Aluiza Alves de Araújo e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Logo, o principal objetivo deste projeto é analisar e descrever diversos fenômenos linguísticos do português oral dos fortalezenses. Sendo assim, somando-se aos trabalhos já realizados com base no PORCUFORT (MONTEIRO, 1997; ARAÚJO, 2000, LIMA, 1999, 2002, 2005, CAVALCANTE, 2002; COELHO, 2003; PINHEIRO; CAMPELO, 2007; PINHEIRO, 2010; SILVA; LUCENA, 2010; CARDOSO; SCHERRE, 2011; GODIN, 2011; MAIA, 2011; PINHEIRO, 2014; CARMO; ARAÚJO, 2015; CARVALHO; ARAÚJO; NETO, 2017; LIMA 2016), esta dissertação visa descrever e analisar uma parte fundamental do sistema vocálico pretônico da fala culta de Fortaleza-CE.

Esta dissertação possui, além desta introdução e das considerações finais, quatro seções, sendo elas: *Pressupostos da Sociolinguística Variacionista*, em que recapitulamos os conceitos fundamentais de nossa teoria de base; *As vogais médias pretônicas*, que está dividida em duas subseções, sendo a primeira intitulada *Processos fonológicos*, em que apresentamos brevemente alguns processos que atuam sobre as pretônicas, e a segunda, *Estudos de base sociolinguística no português brasileiro*, em que resenhamos outros estudos sobre o tema desta pesquisa; *Metodologia*, em que descrevemos o *corpus* selecionado, a amostra, o perfil dos nossos informantes, procedimentos para a coleta de nossas ocorrências e a ferramenta estatística utilizada por

nós; e a seção de *Análise dos resultados*, em que apresentamos e discutimos os resultados encontrados.

2 PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Em 1964, William Bright reuniu vinte e cinco pesquisadores para uma conferência sobre sociolinguística na Universidade da Califórnia. Os trabalhos apresentados neste evento eram dos temas mais variados: a etnologia da variação linguística (Gumperz), a hipercorreção como fator de variação (Labov), as línguas veiculares (Smarin, Kelley), dentre outros. Bright era encarregado da publicação das atas da conferência. O autor ressalta que “o princípio da sociolinguística não é fácil de definir com precisão” (CALVET, 2002, p. 28) e acrescenta que a “tarefa da sociolinguística é mostrar que a variação não é livre, mas é influenciada por fatores sociais” (CALVET, 2002, p 29). Sendo assim, este evento marca o nascimento da sociolinguística, porém, na perspectiva de Bright, ela está subordinada a outras ciências, como sociologia e antropologia.

Logo após, em 1966, Labov resolveu estudar as variedades do inglês não-padrão, especialmente de negros e de porto-riquenhos da cidade de Nova York. Neste estudo, ele desmistificou a ideia convencionada de que “a pobreza linguística” era ocasionada pelas dificuldades de aprendizagem das classes trabalhadoras (LABOV, [1972] 2008). Já, em 1968, Weinreich, Labov e Herzog publicaram o texto clássico “Empirical Foundations for a theory of language change” em que introduzem os princípios empíricos que regem a teoria, que se dedica a analisar a variação e a mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Para esses autores, a variação e a mudança são inerentes ao próprio sistema linguístico, ou seja, a heterogeneidade faz parte da língua. Sendo assim, então, temos as variantes que são duas ou mais formas distintas utilizadas para se referir a um mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade (LABOV, 1978).

Após a conceituação de variante, faremos a distinção entre variante e variável. Segundo Camacho (2008, p. 56), variável “trata-se de uma classe de variantes que constituem, estas sim, duas ou mais formas concretas de uso. As variantes [...] são determinadas por uma ou mais variáveis independentes, de natureza linguística ou extralinguística”. Em particular, a nossa proposta de pesquisa, a realização das vogais médias pretônicas, é a nossa variável dependente e cada realização destas vogais corresponde as nossas variantes.

Outro aspecto pertinente sobre as variantes é o valor social que lhe é atribuído. Segundo Coelho *et al.* (2015), as variantes possuem significados sociais distintos e o grau de consciência dos falantes sobre esses significados também varia para mais consciente ou menos consciente. Sendo assim, Labov (2008 [1972]) delineou três tipos de significado social: os estereótipos, os marcadores e os indicadores.

Os estereótipos são traços socialmente marcados de forma consciente, como a despalatalização de [t] e [d]. Os marcadores são traços que nem sempre são conscientes, mas podem ser detectados em testes de atitudes linguísticas, como no caso da alternância dos pronomes “tu” e “você”.

Já os indicadores são elementos linguísticos com pouca força de avaliação dentro de uma mesma comunidade de fala, por exemplo, a variação das pretônicas médias. No entanto, a classificação de um fenômeno como estereótipo, marcador ou indicador está sujeita à perspectiva do pesquisador quanto à comunidade de fala, pois um mesmo fenômeno pode ser interpretado como estereótipo ou marcador, em comunidades de fala diferentes. Do nosso ponto de vista, enquanto pesquisadora pertencente à comunidade de fala de Fortaleza, não enxergamos a variação das pretônicas como um estereótipo, pois não fazemos avaliações sobre a mesma. Já outros estudiosos, de outras regiões do Brasil podem classificá-la sob a nomenclatura de estereótipo, por considerar que este é um fenômeno com grande potencial de avaliação.

Sobre os processos de variação e mudança, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968), temos duas situações: a mudança em progresso e a variação estável. No caso da primeira, dizemos que uma variante caminha para substituir a outra e, no segundo caso, as variantes coexistem sem se sobreporem. Dito isso, é ressaltado ainda que toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação pressupõe mudança (LABOV, [1972] 2008). Weinreich, Labov e Herzog (1968) ainda destacam duas questões fundamentais: a primeira é que mudanças completas ocorrem dentro de um século ou dois no máximo, a segunda é que os processos de mudanças em curso podem ser observados em uma ou duas gerações.

A respeito do fator temporal sobre a mudança linguística, os sociolinguistas trabalham com dois conceitos distintos: o de tempo real e o de tempo aparente. Os estudos em tempo real permitem a comparação de como as pessoas falavam em determinada

época e como elas falam em outra. Isto é, diacronia, o estudo ao longo do tempo. Para os trabalhos em tempo real existem duas modalidades: o estudo de tendência e o estudo de painel. No primeiro tipo, os pesquisadores compõem uma amostra com determinada estratificação (sexo, idade, escolaridade etc) e, posteriormente, eles compõem uma outra amostra, repetindo a mesma estratificação para possibilitar a comparação entre as duas amostras. No segundo tipo, os pesquisadores têm que rastrear e recontatar os mesmos indivíduos para constituir uma nova amostra e, assim, analisar as mudanças ocorridas na língua.

Sendo assim, a modalidade de estudo em tempo real é mais difícil de ser realizada, pois necessita de muito tempo e recursos financeiros, que nem sempre estão disponíveis, o que torna esta modalidade pouco utilizada pelos pesquisadores. A alternativa é utilizar o tempo aparente, que consiste em selecionar informantes de faixas etárias diferentes, para então observar a mudança linguística através da frequência de determinada variante entre as faixas etárias (MEYERHOFF, 2006 p. 127-137). Em nossa pesquisa, utilizamos o PORCUFORT, banco de dados constituído por informantes de três faixas etárias distintas, o que nos permite investigar o fenômeno em pauta, por meio do tempo aparente, já que seria inviável realizar este trabalho através do tempo real.

Além disso, os autores discorrem sobre cinco adversidades que devem ser consideradas na fundamentação empírica da Teoria de Variação e Mudança Linguística, são elas: restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação. A restrição está relacionada aos fatores sociais e linguísticos que favorecem ou restringem as mudanças possíveis no sistema. A transição corresponde ao percurso da mudança, ou seja, como as formas linguísticas mudam de uma para a outra. Conforme os autores, este processo ocorre da seguinte maneira: o falante aprende uma nova forma e essa nova forma passa a conviver com uma forma já introduzida no sistema e, por fim, a forma antiga desaparece do sistema da língua. O encaixamento está ligado ao encaixe da mudança dentro do sistema linguístico e da organização social. A avaliação diz respeito à consciência linguística dos usuários e à forma como eles julgam os usos linguísticos da comunidade do qual fazem parte. A implementação consiste na descrição dos fatores causadores da mudança e por que essa mudança ocorre.

Após a exposição destes cinco problemas, destacamos ainda que a língua é heterogênea, porém regulada, o que possibilita o seu estudo através dos fatores condicionadores da variação, pois, segundo Mollica (2003, p. 10), “toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”. Sendo assim, o pesquisador pode ter acesso aos fatores que condicionam a variação, pois:

Toda a análise sociolinguística passa então a ser orientada para as variações sistemáticas, inerentes ao seu objeto de estudo, a comunidade de fala, concebidas como uma heterogeneidade estruturada. Não existe, portanto, um caos linguístico, cujo processamento, análise e sistematização sejam impossíveis de serem processados. Há, pelo contrário, um sistema (uma organização) por trás da heterogeneidade da língua falada (LUCCHESI; ARAÚJO, s/a)

De acordo com Coelho *et al.* (2015), o interesse da sociolinguística é a língua em uso, especialmente nas situações do cotidiano, porém o foco é o grupo social, e não o indivíduo. Ademais, a língua e a sociedade são indissociáveis, portanto, seu estudo deve ser sempre feito dentro de uma comunidade de fala. Segundo Labov (2008 [1972]), a comunidade de fala não se define como um grupo de falantes que fazem uso das mesmas formas linguísticas, mas que também compartilham as mesmas normas de uso da língua. Ou seja, têm atitudes em comum de avaliação social a respeito de seu uso. Logo, segundo Severo (2008), para Labov, a língua é heterogênea, mas a comunidade de fala é homogênea.

Outro aspecto a ser ressaltado são os tipos de variação que, de uma perspectiva geral, mas não limitando-se a estas, compreendem as variações diatópicas (geográficas) e diastráticas (sociais). A variação diatópica está relacionada às diferenças linguísticas conferidas ao espaço físico e observáveis entre falantes de diferentes localidades. Já a variação diastrática está relacionada à associação de fatores inerentes à identidade dos falantes e/ou à organização sociocultural da comunidade de fala. Dentre esses fatores, estão o sexo, a faixa etária, escolaridade e a classe social. Portanto, não existe relação de causalidade entre esses fatores e a variedade linguística falada (ALCKMIN, 2008). Em nosso caso, a realização das pretônicas médias, como vogais baixas, constitui um fenômeno diatópico (NASCENTES, 1922), porém, todos os

informantes de nossa amostra possuem nível superior completo e, por isso, acreditamos que este fator diastrático também exerce influência sobre o fenômeno. No entanto, o fator escolaridade não foi controlado em nossa pesquisa, pois todos os informantes possuem a mesma escolaridade, o que não nos permite afirmar isto categoricamente, e sim inferir com base em outros estudos que controlam outros níveis de escolaridade abaixo do ensino superior.

Além disso, na pesquisa sociolinguística, os dados são extraídos da fala vernácula, que é aquela que usamos no cotidiano entre familiares e amigos em situações em que não prestamos atenção no modo como falamos. Contudo, como seria possível colher este tipo de fala espontânea em uma situação não espontânea como a entrevista? Labov ([1972] 2008) denominou este empasse de paradoxo do observador. A solução encontrada para este dilema foi instigar os entrevistados a produzirem narrativas de experiências pessoais, nas quais os entrevistados acabam se emocionando e tendem a esquecer do próprio modo de falar.

Com base nestes pressupostos, analisaremos as regras variáveis de abaixamento, manutenção e alteamento das vogais pretônicas médias /E/ e /O/. Sendo assim, na seção seguinte, apresentaremos a revisão de literatura sobre o tema.

3 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

3.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS

Ao descrever o sistema vocálico do português brasileiro, Câmara Jr. (1970) identificou um sistema de sete vogais em posição tônica. Nesta posição, todas as vogais são facilmente caracterizadas, já que nela existe grande distinção de significado entre estes fonemas (FELICE, 2012). No entanto, nas sílabas átonas este sistema se reduz, pois os traços distintivos de significado se perdem. Sendo assim, em posição postônica não final, temos quatro vogais e, em posição postônica final, temos apenas três vogais.

Em relação às vogais pretônicas, foco de nosso trabalho, observamos que estas oferecem várias possibilidades de pronúncia, sem que ocorra mudança em seu significado, como em b[ɔ]lacha ~ b[o]lacha. Como sabemos, a alternância das vogais médias em posição pretônica gera três regras distintas: o abaixamento, a manutenção e o alteamento. Essas regras são regidas por alguns processos fonológicos (BISOL, 2009; VIEGAS, 2001).

Dentre estes processos, temos a **neutralização** que é um processo em que os fonemas perdem os traços que os distinguem, como o traço de abertura que diferencia [ɛ] de [e]; e [ɔ] de [o]. Sendo assim, para Câmara Jr. (1970), a neutralização acontece quando as oposições desaparecem ou se suprimem. No caso das vogais pretônicas, a oposição entre as médias baixas e as médias altas tende a ser perdida.

Além da neutralização, temos a **assimilação** que é um processo fonológico em que ocorre o espriamento de um ou mais traços do fonema, para outro segmento, podendo esse estar próximo ou distante do gatilho. Desse modo, um segmento pode adquirir propriedades de outro segmento que está próximo a ele, ou um pouco distante. Chamamos de assimilação progressiva quando esta acontece da esquerda para a direita e de assimilação regressiva quando esta ocorre da direita para a esquerda (FELICE, 2012).

Por fim, a **harmonização vocálica** – um tipo de assimilação pelo qual a vogal pretônica média apropria-se do traço de altura da vogal alta vizinha, tornando-se alta também (FELICE, 2012).

De acordo com Felice (2012, p. 34), estes processos ocorrem para simplificar o sistema da língua, buscando a sua generalização. Ressaltamos que estes não são os únicos processos fonológicos que podem atuar sobre a variação das pretônicas, porém são os mais abordados nas pesquisas sobre o tema. Destacamos também que a variação das vogais médias pretônicas é regida tanto por fatores estruturais, quanto por fatores não estruturais. E que os fatores que condicionam a variação da vogal posterior e da vogal anterior nem sempre são os mesmos (VIEGAS, 1987). No entanto, com o conhecimento a respeito de como funcionam esses processos sobre as vogais pretônicas, podemos embasar melhor a nossa análise e a interpretação dos resultados da nossa pesquisa.

3.2 ESTUDOS DE BASE SOCIOLINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, serão apresentados estudos variacionistas sobre a realização das pretônicas médias /E/ e /O/. Contudo, devido ao grande número de trabalhos existentes sobre o tema, adotamos alguns critérios para a escolha destes trabalhos, a saber: elencar apenas aqueles que abordem a variação das pretônicas médias na fala culta e que apresentem resultados em pesos relativos. Portanto, seguem abaixo os estudos elencados, por ordem cronológica, para esta revisão de literatura:

Silva (1989) estudou as pretônicas médias² na variedade culta de Salvador-BA. O *corpus* utilizado foi constituído por 24 inquéritos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador - DID, provenientes do Projeto Norma Urbana Culta de Salvador³ (NURC-SSA). As variáveis linguísticas controladas foram: altura da vogal, vogal contextual nasal, contexto precedente, contexto seguinte e atonicidade. Já as variáveis extralinguísticas estudadas foram: a faixa etária (faixa I 25-35 anos, faixa II 36-55 anos e faixa III 56 anos em diante), o sexo (masculino e feminino) e a procedência social (1ª geração de universitários na família e 2ª geração de universitários na família).

Yacovenco (1993) pesquisou a realização das vogais médias pretônicas na fala culta da cidade do Rio de Janeiro-RJ. Para este estudo, foram selecionados 18 informantes do projeto NURC-RJ. Sendo assim, foram encontradas 3.563⁴ ocorrências de

² Não encontramos os números correspondentes ao total de dados analisados, nem o número de ocorrências para cada vogal pretônica média.

³ Banco de dados constituído por informantes de nível superior completo da capital da Bahia.

⁴ Não foram encontrados os valores correspondentes para cada uma das vogais /e/ e /o/.

vogais médias em posição pretônica. Foram analisadas, neste estudo, as seguintes variáveis sociais: sexo (masculino e feminino), zona de residência (Zona Sul, Zona Norte e Zona Suburbana) e faixa etária (faixa I 25-35, faixa II 36-55 e faixa III 56 em diante). As variáveis estruturais controladas foram: tipo de vogal média, distância da vogal média em relação à tônica, tipo de vogal tônica, grau de atonicidade, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, tipo de sufixo e paradigma morfológico.

Celia (2004) realizou um estudo sobre as vogais médias pretônicas no falar culto de Nova Venécia-ES. O *corpus* foi constituído a partir da fala de 9 informantes do sexo feminino com terceiro grau completo. As variáveis linguísticas controladas foram: nasalidade, tipo de tônica, distância, pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante seguinte e estrutura silábica. A única variável extralinguística examinada foi a faixa etária que compreende o conjunto de três faixas: faixa I – de 25 a 30 anos, faixa II – 36 a 55 anos e faixa III de 56 anos em diante. Foram encontradas 2.950 ocorrências de vogais médias pretônicas: 1.714 para /e/ e 1.236 para /o/, que foram submetidas às análises estatísticas do programa GoldVarb X. A autora constatou que a vogal média posterior é mais suscetível à variação do que a média anterior.

Amorim (2009) pesquisou a realização das vogais médias pretônicas na fala culta de 12 informantes⁵ de Recife-PE. As variáveis extralinguísticas de sua pesquisa foram o sexo (masculino e feminino) e a faixa etária (faixa I até 39 e faixa II a partir de 40 ou mais). As variáveis linguísticas contempladas foram: realização, contexto fonológico precedente, contexto fonológico posterior, extensão do vocábulo, posição quanto a sílaba tônica, tipo de vogal tônica, vogal pretônica seguinte, atonicidade, tipo de sílaba, natureza do vocábulo, *corpus* e estrutura da sílaba. Nesta pesquisa, foram analisados 6.360 dados, sendo 3.947 para /e/ e 2.413 para /o/. Logo, os resultados mostram que os falantes cultos de Recife optam pela manutenção das vogais médias-altas, seguidas pelas médias-baixas e, por fim, pelas vogais altas.

A revisão desses trabalhos foi de grande importância, pois nos ajudou a elencar as variáveis de nosso estudo e os seus respectivos resultados servirão de base para a comparação com os resultados que obtivemos em nosso estudo. Visto que, de acordo com Duarte e Paiva (2011), a ação dos fatores estruturais pode ser replicada, ou seja, as

⁵ O *corpus* foi coletado pelo próprio autor.

tendências observadas em uma comunidade de fala podem se repetir em outra, indicando a operação de princípios gerais sobre a variação.

A seguir, serão apresentados os resultados em pesos relativos, que foram obtidos nos estudos supracitados, para as regras de abaixamento, manutenção e alteamento.

3.2.1 Revisão dos grupos de fatores para a regra de abaixamento

Nesta seção, apresentamos os quadros com a atuação dos fatores linguísticos e extralinguísticos para a regra de abaixamento.

Contexto fonológico precedente

Quadro 1 – Atuação do contexto fonológico precedente sobre a regra de abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Alveolares, palatais, velares, bilabiais, labiodentais e ausência de consoante	Labiodental (,75)	Fator não selecionado pelo programa
AMORIM (2009)	Bilabial, labiodental, palatal, alveolar-dental, velar e glotais	Alveolar-dental (,52), bilabial (,51), labiodental (,56) e palatal (,89)	Alveolar-dental (,60) e glotais (,65)

Fonte: própria autora

Como vemos no quadro 1, o fator labiodental aparece recorrentemente selecionado para o abaixamento da média anterior. Já, em relação à média posterior, destacamos o fator alveolar. A regra de abaixamento não foi analisada por Silva (1989), já Yacovenco (1993) não apresentou pesos relativos para essa regra. Na pesquisa de Célia (2004), este grupo de fatores não foi selecionado.

Contexto fonológico seguinte

Quadro 2 – Atuação do contexto fonológico seguinte sobre a regra do abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para a regra.		
CELIA (2004)	Alveolar, palatal, velar, bilabial, labiodental e ausência	Alveolar (,55) e bilabial (,54)	Alveolar (,62), palatal (,58) e labiodental (,75)
AMORIM (2009)	Alveolar/dental, bilabial, velar, glotais, labiodental e palatal	Bilabial (,58), glotais (,55) e palatal (,91)	Alveolar/dental (,52), bilabial (,75) labiodental (,60) e palatal (,64)

Fonte: própria autora

Com relação ao contexto fonológico seguinte, observamos, no quadro 2, que os fatores recorrentes para a aplicação da regra de abaixamento da média anterior são a bilabial e a alveolar. No abaixamento da média posterior, os fatores relevantes são a alveolar e a labiodental.

Atonicidade

Quadro 3 – Atuação da atonicidade sobre a regra do abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Permanente, casual baixa, casual média e variável	Casual baixa (,72) e variável (,55)	Casual baixa (,72)
AMORIM (2009)	Grupo de fatores não selecionado.		

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 3, o fator casual mista favorece o abaixamento das médias anterior e posterior. Já o fator casual baixa privilegia apenas o abaixamento da média posterior. O grupo de fatores atonicidade não foi selecionado no estudo de Amorim

(2009) e no estudo de Yacovenco (1993) não são apresentados pesos relativos para esta regra. Quanto à Silva (1989), a autora não analisou a regra.

Tipo de vogal tônica

Quadro 4 – Atuação do tipo de vogal tônica sobre a regra de abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Média baixa, média alta, baixa e alta	Média baixa (,97) e baixa (,81)	Média baixa (,94) e baixa (,73)
AMORIM (2009)	Vogais orais, vogais nasais, ditongos orais e ditongos nasais	Média anterior fechada (,68), alta anterior (,61), média posterior fechada (,78), alta posterior (,68) e ditongo oral (,68)	Média anterior fechada (,86), alta anterior (,62), média posterior fechada (,83), média posterior nasal (,72), ditongo oral (,94) e ditongo nasal (,58)

Fonte: própria autora

Como podemos ver no quadro 4, a vogal média baixa contribui com o abaixamento da média anterior e da média posterior. Essa regra não é analisada por Silva (1989), já Yacovenco (1993) não apresenta dados em pesos relativos para a regra em estudo.

Tipo de átona seguinte

Quadro 5 – Atuação do tipo de átona seguinte sobre a regra de abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Média baixa, média alta, baixa e alta	Média baixa (,95) e baixa (,96)	Média baixa (,98) e baixa (,90)
AMORIM (2009)	Vogais orais, vogais nasais e ditongos orais	Média anterior aberta (,58), média anterior fechada (,58), alta anterior (,64), média posterior fechada (,64), alta anterior nasal (,71) e ditongo oral (,85)	Média anterior aberta (,75), média anterior fechada (,59), alta anterior (,77), média posterior aberta (,77), baixa nasal (,67), média anterior nasal (,78), posterior nasal (,94) e ditongo oral (,56)

Fonte: própria autora

Como mostra o quadro 5, os fatores média baixa, baixa, alta anterior, média posterior fechada, alta anterior nasal e ditongo oral são recorrentes no favorecimento da aplicação da regra de abaixamento tanto para a pretônica média anterior, quanto para a pretônica média posterior, nos trabalhos de Amorim (2009) e Celia (2004). Esta regra não é analisada por Silva (1989) e Yacovenco (1993).

Distância da vogal tônica

Quadro 6 – Atuação da distância da tônica sobre a regra do abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Fator não selecionado pelo programa para esta regra.		
AMORIM (2009)	Distância 1, distância 2 e distância 3	Distância 1 (,53)	Distância 2 (,68) e distância 3 (,71)

Fonte: própria autora

No quadro 6, não podemos identificar os fatores relacionados com a aplicação da regra de abaixamento para a maioria dos trabalhos analisados (SILVA 1989; CELIA 2004; YACOVENCO 1993), excetuando-se o de Amorim (2009), onde vemos que quanto maior a distância da tônica em relação à pretônica, maior o favorecimento do abaixamento.

Estrutura da sílaba

Quadro 7 – Atuação da estrutura da sílaba sobre a regra de abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
CELIA (2004)	Aberta e travada	Aberta (,54)	Fator não selecionado.
AMORIM (2009)	Aberta e fechada	Fechada (,56)	Aberta (,51)

Fonte: própria autora

Como mostra o quadro 7, o fator “aberta” é quase neutra para o abaixamento da posterior e quanto à anterior, nos estudos de Amorim (2009) e Celia (2004), é relevante para esta regra. No estudo de Célia (2004), este grupo de fatores não foi selecionado para a média posterior. Já Silva (1989) não analisa a regra de abaixamento e Yacovenco (1993), por sua vez, não controla este grupo de fatores.

Classe do vocábulo

Quadro 8 – Atuação da classe do vocábulo sobre o abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
AMORIM (2009)	Nome e verbo	Verbo (,51)	Nome (,51)

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 8, os fatores “nome” e “verbo” se aproximam da neutralidade quanto à regra de abaixamento das médias anterior e posterior no estudo Amorim (2009). Essa regra não é estudada por Silva (1989) e Yacovenco (1993), por sua vez, não apresenta dados em pesos relativos. Já Celia (2004) não fez a análise deste grupo de fatores.

Sexo

Quadro 9 – Atuação do sexo/gênero sobre a regra do abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
AMORIM (2009)	Masculino e feminino	Masculino (,67)	Grupo de fatores não selecionado.

Fonte: própria autora

Como constatamos no quadro 9, o fator masculino contribui com o abaixamento da média anterior, mas, para essa regra, o grupo de fatores sexo não foi selecionado para a média posterior no trabalho de Amorim (2009). Célia (2004) não controla esta variável e Silva (1989) não analisa a regra de abaixamento. Yacovenco (1993) não apresenta dados em pesos relativos para esta regra.

Faixa etária

Quadro 10 – Atuação da faixa etária sobre a regra do abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não analisa esta regra com dados em pesos relativos.		
CELIA (2004)	Faixa I (25-35) faixa II (36-55) faixa III (55 ou mais)	Faixa II (,67)	Faixa II (,63)
AMORIM (2009)	Faixa I (até 39 anos) e faixa II (a partir de 40 anos)	Faixa II (,54)	Grupo de fatores não selecionado.

Fonte: própria autora

Conforme os dados expostos no quadro 10, a segunda faixa etária é recorrente na aplicação da regra de abaixamento da média anterior e da média posterior, nos trabalhos de Amorim (2009) e Celia (2004). Silva (1989) não analisa a regra de abaixamento, já Yacovenco (1993) não apresenta dados em pesos relativos para esta regra. No trabalho de Amorim (2009), este grupo de fatores não foi selecionado para a média posterior.

Monitoramento estilístico

Quadro 11 – Atuação do monitoramento estilístico sobre a regra do abaixamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
YACOVENCO (1993)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
CELIA (2004)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
AMORIM (2009)	Espontâneo, leitura de texto e lista de palavras	Leitura de texto (,61)	Leitura de texto (,65) e lista de palavras (,56)

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 11, o fator leitura de texto aparece como favorecedor do abaixamento para a média anterior e para a média posterior apenas no estudo de

Amorim (2009), já que os demais autores não analisam o grupo de fatores monitoramento estilístico.

Como vemos até aqui, os grupos de fatores relevantes para a regra de abaixamento são, predominantemente, de ordem linguística, como os contextos precedente e seguinte, com o fator alveolar como favorecedor recorrente. Os grupos tipo de vogal tônica e tipo de átona seguinte também são de grande relevância para a aplicação da regra. Já os fatores extralinguísticos, como sexo, faixa etária e monitoramento estilístico, não tiveram desempenho determinante para esta regra.

3.2.2 Revisão dos grupos de fatores para a regra da manutenção

Nesta seção, apresentamos os quadros com a atuação dos fatores linguísticos e extralinguísticos para a regra da manutenção.

Contexto fonológico precedente

Quadro 12 – Atuação do contexto fonológico precedente sobre a regra de manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Alveolar, labial, palatal, ausência, vibrante, velar e vogal	Palatal (,76), vibrante (,72) e vogal (,67)	Ausência (,63), vibrante (,77) e vogal (,94)
CELIA (2004)	Autora não analisa esta regra.		
AMORIM (2009)	Bilabial, labiodental, palatal, alveolar-dental, velar e glotais	Velar (,63), glotais (,81) e labiodental (,52)	Velar (,51), glotais (,62), labiodental (,55) e palatal (,76)

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 12, não podemos observar fatores recorrentes para a aplicação da regra de manutenção da média anterior. Do mesmo modo, não são visualizados fatores, recorrentemente, favorecedores da manutenção da média posterior.

Contexto fonológico seguinte

Quadro 13 – Atuação do contexto fonológico seguinte sobre a regra da manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Alveolar, labial, palatal, ausência, vibrante, velar e vogal	Palatal (,63) e vibrante (,67)	Alveolar (,58), palatal (,53) e velar (,53)
CELIA 2004	Autora não analisa esta regra.		
AMORIM (2009)	Alveolar/dental, bilabial, velar, glotais, labiodental e palatal	Velar (,63), glotais (,58) e labiodental (,59)	Alveolar/dental (,55), velar (,70) e glotais (,69)

Fonte: própria autora

Conforme os dados do quadro 13, no grupo contexto fonológico seguinte, não temos fatores recorrentes para a aplicação da manutenção da média anterior. Já para a média posterior, temos os fatores alveolar e velar como favorecedores da aplicação da regra da manutenção. Célia (2004) e Silva (1989) não investigam a regra de manutenção.

Atonicidade

Quadro 14 – Atuação da atonicidade sobre a regra de manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Permanente, casual média, casual baixa, casual ditongo e palavra base	Casual média (,63) e palavra base (,59)	Casual baixa (,81), casual ditongo (,90)
CELIA (2004)	Autora não analisa esta regra.		
AMORIM (2009)	Grupo de fatores não selecionado.		

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 14, podemos identificar que o fator casual média aparece como relevante para a média anterior. Já, para a média posterior, não podemos identificar fatores recorrentes. A regra de manutenção não é estudada por Célia (2004) e

Silva (1989). No estudo de Amorim (2009), o grupo atonicidade não foi selecionado para nenhuma das médias pretônicas.

Tipo de vogal tônica

Quadro 15 – Atuação do tipo de vogal tônica sobre a regra de manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Baixa, média e alta	Baixa (,54) e média (,59)	Baixa (,66) e alta (,57)
CELIA (2004)	Autora não analisa esta regra.		
AMORIM (2009)	Vogais orais, vogais nasais, ditongos orais e ditongos nasais	vogal baixa (,67), média posterior aberta (,85), baixa nasal (,75), média anterior nasal (,57), média posterior nasal (,93) e ditongo nasal (,75)	Vogal baixa (,84), média posterior aberta (,84), vogal baixa nasal (,74), média anterior nasal (,85), média posterior nasal (,96) e alta posterior nasal (,88)

Fonte: própria autora

Como vemos no quadro 15, os fatores vogal baixa e vogal média aparecem como favorecedores da aplicação da regra de manutenção da pretônica média anterior. Já os fatores vogal alta e vogal média apareceram como aliados da pretônica média posterior. Nas pesquisas de Silva (1989) e Célia (2004), esta regra não foi analisada.

Tipo de átona seguinte

Quadro 16 – Atuação do tipo de átona seguinte sobre a regra de manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Ausência, baixa, média, e alta	Baixa (,53), média (,66) e alta (,66)	Baixa (,87) e alta (,64)
CELIA (2004)	Autora não analisa esta regra.		

Quadro 17 – Atuação do tipo de átona seguinte sobre a regra de manutenção

(Continuação)

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
AMORIM (2009)	Vogais orais, vogais nasais e ditongos orais	Grupo de fatores não selecionado.	Vogal baixa (,90), média posterior fechada (,83) e alta posterior (,80)

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 16, a vogal baixa e as vogais altas contribuem positivamente com a aplicação da regra de manutenção, tanto da média anterior, quanto da média posterior. A regra de manutenção não é investigada por Silva (1989) e Célia (2004). No estudo de Amorim (2009), este grupo de fatores não foi selecionado para a vogal média anterior.

Distância da vogal tônica

Quadro 18 – Atuação da distância da tônica sobre a regra de manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Distância 1, distância 2 e distância 3	Fator não selecionado	Distância 2 (,60) e distância 3 (,67)
CELIA (2004)	Autora não analisa esta regra.		
AMORIM (2009)	Distância 1, distância 2 e distância 3	Distância 2 (,50) e distância 3 (,65)	Grupo de fatores não selecionado.

Fonte: própria autora

Conforme os dados do quadro 17, as distâncias 2 e 3 aparecem como fatores favoráveis à aplicação da regra de manutenção, tanto para pretônica média anterior, quanto para a média posterior. No entanto, nos estudos de Yacovenco (1993) e Amorim (2009), este grupo de fatores não foi selecionado.

Estrutura da sílaba

Quadro 19 – Atuação da estrutura da sílaba sobre a regra de manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
CELIA (2004)	Autora não analisa esta regra.		
AMORIM (2009)	Aberta e fechada	Grupo de fatores não selecionado.	Grupo de fatores não selecionado.

Fonte: própria autora

Quanto ao grupo de fatores estrutura da sílaba, podemos ver, no quadro 18, que esse foi selecionado como favorecedor da aplicação da regra de manutenção, apenas para a média anterior. Além disso, Silva (1989) não analisou a regra de manutenção e Yacovenco (1993) não controlou este grupo de fatores. No estudo de Amorim (2009) esta variável não foi selecionada.

Classe do vocábulo

Quadro 20 – Atuação da classe do vocábulo sobre a regra da manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Sem sufixo Não verbal e Verbal	Fator não selecionado.	Não verbal (,60)
CELIA (2004)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
AMORIM (2009)	Nome e verbo	Nome (,50)	Grupo de fatores não selecionado.

Fonte: própria autora

Quanto à classe do vocábulo, como mostra o quadro 19, não podemos identificar fatores recorrentes para a manutenção da média anterior, nem para a média posterior, pois os fatores verbal, não verbal e a não seleção do grupo aparecem distribuídos de forma semelhante.

Sexo

Quadro 21 – Atuação do sexo/gênero sobre a regra da manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Masculino e feminino	Feminino (,65)	Feminino (,64)
CELIA (2004)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
AMORIM (2009)	Masculino e feminino	Feminino (,68)	Masculino (,54)

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 21, o fator feminino contribui na aplicação da regra de manutenção para a média anterior. Já para a média posterior, não podemos identificar fatores que possam favorecer a regra analisada. A manutenção não é analisada por Silva (1989), já Célia (2004) não analisa este grupo de fatores.

Faixa etária

Quadro 22 – Atuação da faixa etária sobre a regra da manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa esta regra.		
YACOVENCO (1993)	Faixa I (25-35), Faixa II (36-50) e Faixa III (mais de 50)	Faixa II (,77)	Faixa I (,71)
CELIA (2004)	Autora não analisa esta regra.		
AMORIM (2009)	Faixa I (até 39 anos) e faixa II (a partir de 40 anos)	Faixa I (,53)	Grupo de fatores não selecionado

Fonte: própria autora

Como observamos no quadro 21, a faixa etária I aparece mais de uma vez para a regra de manutenção das vogais médias anterior e posterior. Somente no estudo de Amorim (2009) este grupo não foi selecionado para a média posterior.

Monitoramento estilístico

Quadro 23 – Atuação do monitoramento estilístico sobre a regra da manutenção

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
YACOVENCO (1993)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
CELIA (2004)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
AMORIM (2009)	Espontâneo, leitura de texto e lista de palavras	Espontâneo (,52) e lista de palavras (,58)	Espontâneo (,54)

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 22, o fator “espontâneo” é aliado da aplicação da regra de manutenção, tanto da média anterior quanto da média posterior. No entanto, Silva (1989), Yacovenco (1993) e Célia (2004) não controlaram este grupo de fatores. Portanto, não podemos identificar os fatores favorecedores recorrentes.

Os grupos de fatores favorecedores da regra de manutenção são, em sua maioria, de natureza linguística. Dentre eles, estão: a) o grupo atonicidade (a vogal átona casual média); b) o grupo sílaba tônica (a vogal baixa e as vogais médias); c) o grupo tipo de átona seguinte (a vogal baixa e as vogais altas). O único grupo de fatores extralinguístico relevante foi a faixa etária (a II, 26-49 anos), favorecendo a manutenção das médias anterior e posterior.

3.2.3 Revisão dos grupos de fatores para a regra do alteamento

Nesta seção, apresentamos os quadros com a atuação dos fatores linguísticos e extralinguísticos para a regra do alteamento.

Contexto fonológico precedente

Quadro 24 – Atuação do contexto fonológico precedente sobre a regra de alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Labial, lateral, alveolar, palatal e velar	Labial (,72), alveolar (,64), palatal (,52) e velar (,70)	Labial (,54), palatal (,61) e velar (,76)
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Alveolares, palatais, velares, bilabiais, labiodentais e ausência de consoante	Palatal (,69), Bilabial (,59) e ausência (,90)	Palatal (,56), velar (,67) e ausência (,83)
AMORIM (2009)	Bilabial, labiodental, palatal, alveolar-dental, velar e glotais	Alveolar-dental (,57), bilabial (,59), velar (,63), glotais (,51) e palatal (,75)	Bilabial (,74) e velar (,62)

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 23, os fatores favorecedores recorrentes da regra de alteamento para a pretônica média anterior são a palatal e a bilabial. Quanto à pretônica média posterior, o fator condicionador da aplicação da regra de alteamento é o fator palatal. Yacovenco (1993) não apresenta pesos relativos para esta regra.

Contexto fonológico seguinte

Quadro 25 – Atuação do contexto fonológico seguinte sobre regra do alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Labial, lateral, alveolar, palatal e velar	Labial (.53), palatal (.79) e velar (.63)	Labial (.62), alveolar (.62) e palatal (.75)
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Alveolar, palatal, velar, bilabial, labiodental e ausência	Velar (.68) e ausência (.94)	Labiodental (.59) e ausência (.95)
AMORIM (2009)	Alveolar/dental, bilabial, velar, glotais, labiodental e palatal	Alveolar/dental (.62), bilabial (.63) e velar (.64)	Bilabial (.59), glotais (.59), labiodental (.82) e palatal (.82)

Fonte: própria autora

No grupo contexto fonológico seguinte, de acordo com o quadro 24, vemos que o fator recorrente no favorecimento da aplicação da regra de alteamento para a média anterior é o fator velar. Quanto à pretônica média posterior, os fatores aliados são palatal e labiodental. Nesta regra, Yacovenco (1993) não apresenta pesos relativos.

Atonicidade

Quadro 26 – Atuação da atonicidade sobre a regra do alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Permanente, casual média aberta, casual média fechada, casual alta	Casual média aberta (.75), casual média alta (.68) e casual alta (.69)	Permanente (.61) e casual alta (.77)
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Permanente, casual baixa, casual média e variável	Permanente (.59)	Permanente (.71)
AMORIM (2009)	Grupo de fatores não selecionado.		

Fonte: própria autora

Como podemos observar no quadro 26, os fatores “casual alta” e “permanente” contribuem positivamente com a aplicação da regra de alteamento da média anterior e da média posterior. Na pesquisa de Yacovenco (1993), não são apresentados pesos relativos para este grupo de fatores, já, no trabalho de Amorim (2009), esta variável não foi selecionada nem para a pretônica média anterior e nem para a posterior.

Tipo de vogal tônica

Quadro 27 - Atuação do tipo de vogal tônica sobre a regra do alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Alta anterior, alta posterior, média e baixa	Alta anterior (,86)	Alta anterior (,71) e alta posterior (,54)
AMORIM (2009)	Vogais orais, vogais nasais, ditongos orais e ditongos nasais	Média anterior aberta (,75), alta anterior (,81), média posterior fechada (,74), vogal baixa nasal (,51), média anterior nasal (,58), alta anterior nasal (,96) e alta posterior nasal (,86)	Média anterior aberta (,74), alta anterior (,84), alta posterior (,96), alta anterior nasal (,97), alta posterior nasal (,58) e ditongo nasal (,87)

Fonte: própria autora

No grupo tipo de vogal tônica, conforme vemos no quadro 27, a vogal alta é um fator aliado da aplicação da regra do alteamento, tanto da média anterior, quanto da média posterior. Silva (1989) não analisou este grupo e Yacovenco (1993) não apresentou resultados em pesos relativos.

Tipo de átona seguinte

Quadro 28 – Atuação do tipo de átona seguinte sobre a regra do alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Altas, médias fechadas, médias abertas e vogal baixa	Vogais altas (,91) e médias abertas (,61)	Vogais altas (,88)
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Alta anterior, alta posterior e não alta	Alta anterior (,79)	Alta posterior (,71)
AMORIM (2009)	Vogais orais, vogais nasais e ditongos orais.	Grupo de fatores não selecionado.	Grupo de fatores não selecionado.

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 28, as vogais altas favorecem positivamente a aplicação da regra de alteamento para as pretônicas médias, tanto a anterior quanto a posterior. No estudo realizado por Yacovenco (1993), este grupo de fatores não apresenta dados em pesos relativos, já, no estudo de Amorim (2009), esta variável não foi selecionada nem para a pretônica média anterior e nem para a posterior.

Distância da vogal tônica

Quadro 29 – Atuação da distância da tônica sobre a regra de alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Distância 1, distância 2 e distância 3	Fator não selecionado.	Distância 1 (,73)
AMORIM (2009)	Distância 1, distância 2 e distância 3	Grupo de fatores não selecionado.	Distância 1 (,71)

Fonte: própria autora

No grupo distância da tônica, observamos no quadro 28 que a “distância 1” contribui positivamente com a aplicação da regra de alteamento da média posterior. No entanto, em relação à média anterior, este grupo de fatores não foi selecionado. Esta variável não é controlada por Silva (1989). Célia (2004) não apresenta pesos relativos para este grupo de fatores. No estudo de Amorim (2009), essa variável não foi selecionada para a pretônica média anterior.

Estrutura da sílaba

Quadro 30 – Atuação da estrutura da sílaba sobre a regra do alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
YACOVENCO (1993)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
CELIA (2004)	Aberta e travada	Aberta (,60)	Aberta (,61)
AMORIM (2009)	Aberta e fechada	Grupo de fatores não selecionado.	Aberta (,53)

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 29, vemos que a sílaba aberta contribui favoravelmente com a aplicação da regra de alteamento, tanto da média anterior quanto da média posterior. As autoras Silva (1989) e Yacovenco (1993) não analisam este grupo de fatores. Já, no estudo de Amorim (2009), este fator deixou de ser selecionado somente para a média anterior.

Classe do vocábulo

Quadro 31 – Atuação da classe do vocábulo sobre a regra do alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
AMORIM (2009)	Nome e verbo	Grupo de fatores não selecionado.	Nome (,53)

Fonte: própria autora

Como mostra o quadro 30, não é possível identificar fatores relevantes para a aplicação da regra de alteamento nesta variável, já que Silva (1989) e Célia não analisam este grupo de fatores e, além disso, Yacovenco (1993) não apresenta pesos relativos. No trabalho de Amorim (2009), foi selecionado, somente para média posterior, o fator nome.

Sexo

Quadro 32 – Atuação do sexo/gênero sobre a regra de alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Masculino e feminino	Masculino (,57)	Masculino (,52)
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
AMORIM (2009)	Masculino e feminino	Masculino (,55)	Grupo de fatores não selecionado.

Fonte: própria autora

Conforme o quadro acima 31, o fator masculino contribui positivamente com a aplicação da regra de alteamento das pretônicas médias anterior e posterior. No entanto, Yacovenco (1993) não apresenta pesos relativos para esta regra e Célia (2004) não analisa o grupo de fatores.

Faixa etária

Quadro 33 – Atuação da faixa etária sobre a regra do alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Faixa I (25-35) Faixa II (36-55) Faixa III (56 e acima)	Faixa III (,51)	Faixa III (,56)
YACOVENCO (1993)	Autora não apresenta pesos relativos para esta regra.		
CELIA (2004)	Faixa I (25-35) Faixa II (36-55) Faixa III (55 ou mais)	Faixa III (,55)	Faixa III (,59)

Quadro 34 – Atuação da faixa etária sobre a regra do alteamento

(Continuação)

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
AMORIM (2009)	Faixa I (até 39 anos) Faixa II (a partir de 40 anos)	Grupo de fatores não selecionado.	Faixa I (,51)

Fonte: própria autora

Como vemos no quadro 32, a terceira faixa etária (a partir de 50 anos) favorece a regra de alteamento das pretônicas médias anterior e posterior, pois foi selecionada nos trabalhos de todos os autores, com exceção do estudo de Amorim (2009) e da pesquisa de Celia (2004) que não analisa esta variável.

Monitoramento estilístico

Quadro 35 – Atuação do monitoramento estilístico sobre a regra da alteamento

Autor e ano de publicação da pesquisa	Fatores pesquisados	Fatores relevantes para /E/	Fatores relevantes para /O/
SILVA (1989)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
YACOVENCO (1993)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
CELIA (2004)	Autora não analisa este grupo de fatores.		
AMORIM (2009)	Espontâneo, leitura de texto e lista de palavras	Grupo de fatores não selecionado.	Grupo de fatores não selecionado.

Fonte: própria autora

De acordo com o quadro 33, o fator monitoramento estilístico não foi selecionado como favorecedor da aplicação da regra do alteamento no trabalho de Amorim (2009). Além disso, este grupo não foi controlado nos trabalhos de Silva (1989), Yacovenco (1993) e Celia (2004).

Os grupos de fatores relevantes para a regra de alteamento são o contexto fonológico precedente, com o fator palatal em destaque, e o contexto fonológico seguinte, com destaque para os fatores labial e labiodental. Além desses, foram relevantes, também, o grupo de fatores atonicidade, com destaque para a átona permanente, e o grupo tipo de vogal tônica, com o fator vogal alta em evidência. O único grupo de fatores

extralinguístico relevante foi o grupo faixa etária, em que a terceira faixa etária apareceu recorrentemente nos trabalhos apresentados.

4 METODOLOGIA

Esta investigação é uma pesquisa de natureza quantitativa e descritiva. Segundo Dörnyei (2007), a pesquisa quantitativa envolve procedimentos de coleta de dados, que resultam em dados numéricos e que são analisados através de métodos estatísticos. Em complemento a esta concepção, adicionamos as considerações de Guy e Zilles (2007):

Para desvelar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social, devemos, necessariamente, coletar grande quantidade de dados de muitos indivíduos; conseqüentemente, devemos enfrentar problemas ligados a controle de qualidade e confiabilidade, a manuseio e apresentação de dados, e a interpretação e inferência. Logo, parece justo dizer que toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa. (GUY; ZILLES, 2007, p.19).

No entanto, o trabalho do pesquisador sociolinguista não se encerra na produção dos dados estatísticos, pois, “[...] os resultados numéricos obtidos pelo programa só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista” (SCHERRE; NARO, 2003, p. 162). Então, é necessário que o pesquisador faça sua análise com cautela para formular uma interpretação coerente dos dados fornecidos.

4.1 A AMOSTRA E OS INFORMANTES

O *corpus* utilizado nesta pesquisa será o do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT, organizado pelo professor José Lemos Monteiro, com o auxílio de 3 graduandas do Curso de Letras da UECE. A constituição desse *corpus* foi realizada entre os anos de 1993 a 1995. Desde então, vem sendo o único banco de dados da fala culta fortalezense. Atualmente, todos os seus dados estão transcritos e digitalizados (ARAÚJO, 2011) e se encontram sob a guarda da profa. Aluiza Alves de Araújo. A possibilidade de trabalhar com este banco de dados é conveniente, pois, de acordo com Freitag (2012), a pesquisa sociolinguística baseada em bancos de dados possibilita captar tendências amplas em uma comunidade de fala. Além disso, trabalhar com um banco de dados já constituído permite ao pesquisador otimizar os prazos e os recursos a serem utilizados. A utilização desse banco de dados em nossa pesquisa

foi autorizada pelo Comitê de Ética da UECE, como atesta o número CAAE 63886617.8.0000.5534 (ver ANEXO A) referente à submissão do projeto à Plataforma Brasil.

O PORCUFORT é constituído por 73 informantes, com nível superior completo, divididos por gênero (masculino e feminino), faixa etária (faixa I- 22 a 35 anos, faixa II- 36 a 55 anos e faixa III- a partir dos 56 anos) e tipo de inquérito (DID – Diálogo entre Informante e Documentador, D2 – Diálogo entre Dois Informantes e EF- Elocução Formal). Todos os informantes são fortalezenses e filhos de pais cearenses. (ARAÚJO, 2000).

Para a composição da nossa amostra, selecionamos 36 informantes do PORCUFORT, distribuídos igualmente entre sexo, faixa etária e tipo de registro. Escolhemos trabalhar com 2 informantes por célula, pois, com essa configuração, foi possível selecionar os inquéritos com boa audibilidade e conseguimos deixar a amostra uniforme quanto à quantidade de informantes. Além disso, reorganizamos as faixas etárias com auxílio das fichas dos informantes para viabilizar o preenchimento das células da amostra. A seguir, visualizamos a estratificação dos informantes, conforme o controle de variáveis sociais (sexo/gênero, faixa etária e monitoramento estilístico):

Quadro 36 – Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas na amostra

Registro Faixa etária	Sexo/Gênero					
	Masculino			Feminino		
	DID	D2	EF	DID	D2	EF
22-35 anos	2	2	2	2	2	2
36-49 anos	2	2	2	2	2	1
50+ anos	2	2	2	2	2	1

Fonte: Adaptado de Araújo (2000)

Como observamos no quadro 1, temos duas células que apresentam apenas um informante. Isso se explica pelo fato de que, no banco de dados do PORCUFORT, só há uma informante do sexo feminino, com mais de 50 anos, no tipo de registro EF. Já na célula EF, da faixa etária II (36-49 anos), do sexo feminino, originalmente tínhamos dois informantes, porém detectamos que não era possível fazer a audição da gravação, pois a sua qualidade sonora não era muito boa e o *corpus* não dispunha de outro inquérito com

as mesmas estratificações sociais para fazermos a substituição. Então, ao todo, contamos com 34 informantes em nossa amostra. Salientamos que o GoldVarb X, programa que será utilizado para a análise, permite operar até com células vazias (GUY; ZILLES, 2007).

A seguir, exibimos o quadro que mostra a distribuição de nossos informantes por número do inquérito/sexo, bairro, atividade exercida/idade, e formação acadêmica.

Quadro 37 – Distribuição dos informantes por número de inquérito, sexo, bairro, atividade exercida, e formação acadêmica

Inquérito/sexo	Bairro	Atividade exercida/ Idade	Formação
01 / homem	Aldeota	Médico / 25 anos	Medicina
07 / mulher	Cajazeiras	Psicóloga / 26 anos	Psicologia
07 ⁶ / mulher	Centro	Pedagoga / 47 anos	Pedagogia
09 / mulher	Álvaro Weyne	Professora / 38 anos	Letras
12 / mulher	Aldeota	Professora / 41 anos	Filosofia
13 / mulher	Parquelândia	Funcionária pública aposentada / 58 anos	Pedagogia e Administração
16 / mulher	Centro	Professora / 37 anos	Letras
17 / homem	Cidade dos funcionários	Professor / 33 anos	Filosofia
18 / mulher	Meireles	Professora universitária / 42 anos	Ciências Sociais
20 / mulher	Carlito Pamplona	Professora / 31 anos	Teologia
21 / homem	Centro	Terapeuta ocupacional / 25 anos	Terapia Ocupacional
22 / homem	Parquelândia	Diretor e professor	Geografia

⁶ Os números que aparecem repetidos são de inquéritos D2, os quais temos dois informantes por inquérito.

Quadro 35 – Distribuição dos informantes por número de inquérito, sexo, bairro, atividade exercida, e formação acadêmica

(Continuação)

Inquérito/sexo	Bairro	Atividade exercida/ Idade	Formação
25 / mulher		aposentado / 67 anos	
	Aldeota	Professora / 32 anos	Letras
28 / homem	Benfica	Professor universitário / 35 anos	Geografia
28 / mulher	Aldeota	Jornalista / 30 anos	Comunicação Social
30 / homem	Papicu	Técnico operacional / 40 anos	História
34 / homem	São Gerardo	Professor / 41 anos	Educação Física
35 / mulher	Parque São José	Professora / 30 anos	Letras
36 / homem	Barra do Ceará	Professor / 24 anos	Letras
37 / homem	Aldeota	Engenheiro / 54 anos	Agronomia e Economia
39 / mulher	Jacarecanga	Professora / 66 anos	Pedagogia
39 / mulher	Monte Castelo	Funcionária pública federal / 62 anos	Letras
42 / homem	Meireles	Engenheiro civil / 42 anos	Engenharia Civil
43 / mulher	Meireles	Diretora de escola de idiomas / 55 anos	Serviço social, História, Geografia e Pedagogia
45 / homem	Meireles	Engenheiro / 50 anos	Engenharia Química
46 / homem	Varjota	Diretor de tecnologia / 48 anos	Engenharia Química
47 / homem	Aldeota	Professor / 27 anos	Letras
48 / mulher	Quintino Cunha	Professora / 32 anos	Geografia
48 / homem	Benfica	Professor aposentado / 71 anos	Letras
52 / homem	Piedade	Professor / 39 anos	Geografia
53 / homem	Aldeota	Professor / 53 anos	História e Direito

Quadro 35 – Distribuição dos informantes por número de inquérito, sexo, bairro, atividade exercida, e formação acadêmica

(Continuação)

56 / mulher	Aldeota	Professora / 54 anos	Letras
106 / mulher	Parquelândia	Guia de turismo / 25 anos	Turismo
152 / homem	Cidade dos funcionários	Professor / 41 anos	Engenharia Civil
214 / homem	Messejana	Professor universitário / 56 anos	Letras e Filosofia

Fonte: própria autora

Os bairros da cidade de Fortaleza são agrupados em sete secretarias executivas regionais e cada secretaria é denominada pela sigla SER mais um número. Esta divisão considera aspectos socioeconômicos e espaciais. Sendo assim, as secretarias localizadas na Zona Leste de Fortaleza têm índice socioeconômico mais elevado do que as secretarias localizadas na Zona Oeste (CEARÁ, 2012). De acordo com o quadro 35, podemos observar que grande parte de nossos informantes residem nos bairros Aldeota e Meireles, ambos localizados na SER II⁷, que é considerada a secretaria com os maiores indicadores socioeconômicos.

Segundo dados do IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará), Fortaleza está ranqueada como a quinta cidade mais desigual do mundo e a desigualdade da distribuição da renda se reflete espacialmente nos bairros da cidade, já que a decisão de onde os indivíduos vão morar está diretamente relacionada com sua capacidade financeira (CEARÁ, 2012). O IPECE fez um mapeamento dos bairros com maior concentração de renda na cidade de Fortaleza, e dentre os bairros que estão em primeiro lugar no ranque, estão Aldeota e Meireles, cuja renda média dos indivíduos é de R\$ 2.000,00 e 3.659,54⁸. Ou seja, as pessoas que residem nestas localidades são consideradas como pessoas de alto *status* social na comunidade fortalezense.

⁷ Agrupa os bairros de Aldeota, Cais do Porto, Cidade 2000, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Calvalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I e II, Salinas, São João do Tauape, Varjota, Vicente Pinzon.

⁸ Os dados foram publicados no ano de 2012.

Sendo assim, o quadro 35 nos fornece valiosas informações a respeito dos informantes de nossa amostra, pois, através da análise da idade, do local da residência e da profissão, podemos traçar um perfil socioeconômico de cada um e, assim, interpretar melhor a atuação dos fatores sociais controlados na nossa pesquisa.

4.1.1 Contextos socioeconômico e político da década de 1990

O banco de dados PORCUFORT foi constituído entre os anos de 1993 e 1995, portanto, a primeira metade da década de 1990, período em que o Brasil passava por transformações socioeconômicas e políticas. Por esta razão, acreditamos que é relevante dedicar uma seção para descrever este cenário.

Em 1989, ano de eleição, os brasileiros foram às urnas para eleger pelo voto direto o presidente da república pelos próximos quatro anos. Esta eleição aconteceu em um momento de desengano, pois o atual presidente José Sarney havia falhado na tarefa de reduzir a inflação, dissolver a dívida externa e retomar o crescimento econômico. Após a disputa eleitoral, o candidato eleito foi Fernando Collor de Mello (CARINHATO, 2008). Ele inseriu o chamado plano Brasil novo ou plano Collor, que consistia em um conjunto de reformas e planos para estabilizar a inflação. No entanto, além de ver seu plano não funcionar, Collor se envolveu em escândalos de corrupção e, por isso, sofreu um processo de *impeachment*, sendo retirado do cargo de presidente. Em seu lugar, assumiu, então, o vice-presidente, Itamar Franco, para concluir o mandato até o ano de 1994. Sua missão era recuperar a confiança da sociedade e implementar um novo plano de estabilização econômica. Este plano, o Plano Real, foi elaborado por um grupo de economistas, liderado pelo, então, ministro da fazenda, Fernando Henrique Cardoso.

O sucesso do Plano Real levou Fernando Henrique Cardoso a vencer as eleições de 1994. Este plano consistia em combater a inflação por meio da dolarização da economia e do engrandecimento da moeda nacional (CARINHATO, 2008). Algumas das consequências imediatas do Plano Real foi o *boom* no consumo de bens duráveis, a expansão do crédito e o aumento da massa salarial. No entanto, o plano tinha suas limitações, pois o rápido crescimento econômico colocava em risco a estabilidade e as altas taxas de juros praticadas prejudicavam o desenvolvimento. Em decorrência disso, cresceram novamente o desemprego, a dívida pública e a recessão. Esse cenário foi

rebatido diretamente através da desregulamentação das leis trabalhistas, da flexibilização e do aumento da informalidade. Além disso, foram reduzidas as fontes de financiamento das políticas sociais (ROMÃO, 2003 p. 2-3).

Em meio a isso, no estado do Ceará, as circunstâncias não eram diferentes do contexto nacional. O então governador do estado, Tasso Jereissati, em seu primeiro mandato entre os anos de 1987-1991, instaurou o “Governo das mudanças”, que, dentre outras medidas, promoveu a reforma administrativa do estado, que consistia na eliminação de despesas públicas, por meio de um rigoroso gerenciamento de pessoal no serviço público. Esta reforma administrativa compreendeu ainda a eliminação e a fusão de órgãos públicos. Sendo assim, as políticas públicas no estado do Ceará estavam alinhadas com as políticas neoliberais, cuja norma é liberar os mercados do controle e da regulamentação e restringir a atuação do mesmo como provedor principal de bens e serviços públicos (SOUSA, 2007).

Neste contexto, a capital Fortaleza, sob o comando do então prefeito Juracy Magalhães passava por intensas transformações na ocupação e organização do espaço físico. Foram implementadas ações promocionais e normativas. Dentre as ações promocionais, destacam-se as obras de infraestrutura e a renovação urbana nos bairros, que atraíram atividades comerciais e de serviços, que impulsionaram o mercado imobiliário e a construção civil. Quanto às ações normativas, estas flexibilizavam a legislação de ocupação do solo, o que favoreceu as empresas imobiliárias. Ainda na década de 90, o atual governador do estado Ciro Gomes (no mandato de 1991-94) executou o projeto Sanear, que ampliou a rede de esgotos na cidade. Nos anos de 1992, foi aprovado o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), que regulamentou as normas acerca da ocupação e expansão da área urbana. Quanto a sua estrutura, Fortaleza foi dividida em macrozonas, microzonas e zonas especiais, além da instituição do bairro como unidade de referência principal para o planejamento urbano (BRUNO; FARIAS, 2012).

Quanto ao ensino superior nesta década, observa-se que devido ao intenso ajuste fiscal, o mesmo sofreu um acentuado processo de deterioração, pois os cortes nos investimentos impediram a sua expansão e provocaram o sucateamento das universidades públicas existentes. Isso deu origem ao crescimento desordenado das instituições

privadas, o que, de modo geral, não é ruim, pois promove novas possibilidades de acesso ao ensino superior. No entanto, a maioria das instituições privadas dedicava-se somente ao ensino, sem apoiar a produção de conhecimento e as atividades de extensão. Por este motivo, as universidades públicas se mantiveram como as principais promotoras da qualificação docente, nos níveis de mestrado e doutorado (BRASIL 2004/2006).

Outro fator relevante era que, nesta década, os jovens de idade entre 18 e 24 anos estavam matriculados em outros níveis de ensino que não o superior. Em outras palavras, os indivíduos em idade escolar universitária estavam cursando ainda o ensino fundamental ou médio. Por isso, boa parte dos possíveis candidatos ao ingresso no ensino superior ainda não tinham os requisitos necessários para este propósito. Além disso, por conta da queda do poder aquisitivo da classe média, a maioria dos candidatos à vaga em vestibular optava por se inscrever em instituições públicas, o que gerava uma alta disputa por vagas, enquanto nas instituições privadas ocorria o processo inverso. (CORBUCCI, 2001).

Então, devido às condições de oferta e demanda, a falta de investimentos e a defasagem do ensino de base, acreditamos que o ingresso ao ensino superior nos anos 90 era muito mais dificultoso do que nos dias atuais. Portanto, possuir ensino superior completo era considerado um feito profissional de alta relevância, o que conferia *status* social ao indivíduo que possuísse diploma universitário.

Nessa conjuntura política e socioeconômica, tiveram início as primeiras gravações do Projeto PORCUFORT, que foram realizadas apenas com indivíduos com nível superior completo. Primordialmente, os informantes a serem selecionados deveriam ser nascidos em Fortaleza e filhos de pais também fortalezenses, mas, por conta da dificuldade em localizar indivíduos com esse perfil, esta exigência foi abandonada e, assim, ficou estabelecido que os pais destes informantes poderiam ser cearenses. Obtido esse perfil de informante, realiza-se a entrevista, que ocorria, geralmente, na casa do(s) entrevistado(s), no local de trabalho ou em lugar de sua escolha (ARAÚJO, 2000).

As políticas neoliberais, as privatizações, a corrupção, o desmantelo do serviço público, o desemprego, a miséria e os altos índices de mortalidade infantil afligiam intensamente a população, tanto que esses temas eram assuntos recorrentes nas entrevistas do PORCUFORT. Em vista disso, ressaltamos a importância deste banco de

dados, não apenas como fonte de material para pesquisas sociodialetais, mas também como documento histórico de um período importante da nossa trajetória.

4.2 ENVELOPE DE VARIAÇÃO

Nesta seção, definimos nossas variáveis dependentes, elencamos e descrevemos nossas variáveis independentes, linguísticas e sociais.

4.2.1 Variável dependente

Será analisada a realização variável das vogais médias pretônicas /E/ e /O/. Como visto anteriormente, esse fenômeno compreende três realizações possíveis, tanto para a vogal /E/ como para a vogal /O/, que constituem as três regras:

Abaixamento: compreende a realização das vogais como médias abertas: r[ɛ]vista⁹ e p[ɔ]pulação.

Manutenção: compreende a não alteração da altura das vogais, que permanecem como médias fechadas: r[e]vista e p[o]pulação.

Alteamento: compreende a realização das vogais como vogais altas: r[i]vista e p[u]pulação.

Portanto, a fim de esquematização, são apresentadas as regras variáveis que serão analisadas nesta pesquisa, com suas respectivas variantes:

Da ordem das anteriores:

- o abaixamento [ɛ]: r[ɛ]vista
- a manutenção [e]: r[e]vista
- o alteamento [i]: r[i]vista

⁹ Todas as ilustrações apresentadas nesta seção são ocorrências retiradas do inquérito DID n° 21 do PORCUFORT.

¹⁰ Utilizou-se a fonte SILDoulos IPA < <https://alib.ufba.br/content/fonte-sildoulos-ipa> > Acesso em: 11 set. 2017

Da ordem das posteriores:

- o abaixamento [ɔ]: p[ɔ]pulação
- a manutenção [o]: p[o]pulação
- o alteamento [u]: p[u]pulação

4.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são grupos de fatores que atuam sobre as variáveis dependentes. Neste trabalho, as variáveis independentes estão divididas em dois grupos: variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas.

4.2.2.1 Variáveis linguísticas

Contexto fonológico precedente

O contexto fonológico precedente é um grupo de fatores controlado em todos os estudos sobre as vogais médias (SILVA, 1989; YACOVENCO, 1993; CELIA, 2004; AMORIM, 2009). Por esta razão, iremos controlá-lo. Sendo assim, os segmentos que serão analisados nesta pesquisa foram organizados de acordo com a zona de articulação, que são eles:

- Alveolares e dentais [t, d, n, l, r, s, z]: desenvolvimento, teoria
- Labiais [p, b, m, f, v]: portadoras
- Palatais e palatalizadas [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, ɲ, ʎ]: geralmente
- Velares [k, g]: consulta
- Glotais [h, ɦ]: reforma

Contexto fonológico seguinte

Do mesmo modo, o controle do contexto fonológico seguinte esteve presente em todos os estudos encontrados sobre as vogais médias (SILVA, 1989; YACOVENCO 1993; CELIA 2004; AMORIM 2009), logo controlaremos este grupo de fatores para

testar a sua influência sobre as regras em estudo. Sendo assim, os segmentos seguintes também foram organizados de acordo com a zona de articulação:

- Alveolares e dentais [t, d, n, l, r, s, z]: diretamente
- Labiais [p, b, m, f, v]: separação
- Palatais e palatalizadas [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, ɲ, ʎ]: prejuízo
- Velares [k, g]: pesquisa
- Glotais [h, h̃]: derrubada

Atonicidade

Neste grupo de fatores, é controlado o processo derivacional em que a vogal média permanece átona ou adquire atonicidade. No estudo de Celia (2004), o fator átona permanente favoreceu a aplicação do alteamento de /E/ e de /O/. A fim de observar os efeitos da atonicidade em nossa amostra, foram controlados os seguintes fatores:

- átona permanente: aquela que não se associa à vogal acentuada em palavras cognatas. geral (átona) / geralmente (átona); pesquisa (átona) / pesquisador (átona)
- átona casual: aquela que se associa à vogal acentuada em palavras cognatas. psicólogo (tônica) / psicologia; teórico (tônica) / teoria (átona)

Tipo de vogal tônica

Segundo Bisol (1981), este fator tem um papel significativo para a realização das vogais médias pretônicas, pois as vogais tônicas altas podem influenciar o alteamento e as vogais tônicas baixas podem contribuir para o abaixamento ou inibir o alteamento, já as vogais tônicas médias podem favorecer a manutenção. Sendo assim, com o intuito de sabermos como a vogal tônica influencia as regras em análise, foram analisados os seguintes fatores:

- vogal tônica baixa [a]: selecionadas
- vogal tônica média-baixa anterior [ɛ]: objeto
- vogal tônica média-baixa posterior [ɔ]: escola

- vogal tônica média-alta anterior [e]: emprego
- vogal tônica média-alta posterior [o]: portadoras
- vogal tônica alta anterior [i]: terapia
- vogal tônica alta posterior [u]: introduzo
- vogal nasalizada média-baixa [ẽ]: enquanto
- vogal nasalizada média anterior [ẽ]: recentemente
- vogal nasal média posterior [õ]: encontro
- vogal nasal alta anterior [ĩ]: seguinte
- vogal nasal alta posterior [ũ]: segundo
- ditongos orais e ditongos nasais [ãw]: então

Tipo de átona seguinte

Assim como o tipo de vogal tônica, serão analisadas as vogais pretônicas seguintes com o objetivo de esclarecer como elas influenciam os processos de manutenção, abaixamento e alteamento. No estudo de Amorim (2009), este grupo foi selecionado como relevante somente para a média anterior aberta, a média posterior aberta e média posterior fechada. Logo, é interessante controlar esta variável para a comparação entre os dados das pesquisas. Sendo assim, os fatores analisados serão os mesmos do grupo tipo de vogal tônica:

- vogal baixa [a]: terapeuta
- vogal média-baixa anterior [ɛ]: selecionadas
- vogal média-baixa posterior [ɔ]: temporal
- vogal média-alta anterior [e]: veterinária
- vogal média-alta posterior [o]: escolhi
- vogal alta anterior [i]: cognitiva
- vogal alta posterior [u]: ocupacional

- vogal nasalizada média-baixa [ẽ]: não encontramos nenhuma ilustração na amostra
- vogal nasalizada média anterior [ẽ]: recentemente
- vogal nasal média posterior [õ]: preconceito
- vogal nasal alta anterior [ĩ]: não encontramos nenhuma ilustração na amostra
- vogal nasal alta posterior [ũ]: conjuntamente
- ditongos orais e ditongos nasais: não encontramos nenhuma ilustração na amostra
- sem átona seguinte: aprender

Distância da vogal tônica

De acordo com Silva (2009, p. 113), “processos de assimilação exigem, em geral, contiguidade para a determinação da altura da vogal média seguinte”. Portanto, neste grupo de fatores, pretende-se analisar o papel desempenhado pela contiguidade da pretônica em relação à vogal tônica. A contagem da distância é feita levando em consideração a sílaba tônica, portanto, a distância 1 corresponde à sílaba à esquerda da sílaba tônica, a distância 2 corresponde a duas sílabas à esquerda da sílaba tônica e assim por diante. Os fatores analisados são listados a seguir:

- Distância 1: formado
- Distância 2: terapia
- Distância 3: desempregado
- Distância 4 ou superior: especializada

Estrutura da sílaba

No estudo de Amorim (2009), a sílaba travada demonstrou comportamento favorecedor à aplicação do abaixamento para a vogal média anterior. Sendo assim, para verificar se a estrutura da sílaba influencia na realização das pretônicas médias, foi analisada a estrutura da sílaba, portanto temos os seguintes fatores controlados:

- Livre: medicina
- Travada: formado

Classe do vocábulo

Nos resultados de Amorim (2009), o verbo foi um fator influenciador da aplicação do abaixamento para a média anterior e o fator nome foi favorecedor da aplicação do alteamento para a média posterior. Logo, para a testagem do efeito do componente morfológico sobre a realização das pretônicas médias, foram analisados os seguintes fatores:

- Substantivo: medicina
- Verbo: pentear

4.2.2.2 Variáveis extralinguísticas

Sexo

A fala de homens e mulheres apresentam diferenças consideráveis, pois seus papéis na sociedade são distintos. Segundo Labov ([1972] 2008), as mulheres são mais conservadoras e favorecem as variantes de prestígio, enquanto os homens utilizam mais as variantes não-padrão. No entanto, de acordo com Holmes (2013), homens e mulheres não usam formas completamente diferentes, mas quantidades e frequências diferentes das mesmas formas linguísticas. Porém, este grupo de fatores não apresentou papel relevante para o fenômeno em pauta (CELIA, 2004; YACOVENCO 1993). Para sabermos se esse comportamento se repetirá em nossa amostra, decidimos controlar os fatores a seguir:

- Feminino
- Masculino

Faixa etária

Segundo Labov ([1972] 2008), existe uma tendência de os indivíduos de maior idade preferirem as formas mais conservadoras, enquanto os mais jovens preferem as formas mais inovadoras. Reforçando este pensamento, Holmes (2013) diz que são encontradas diferenças de pronúncia, vocabulário e construções gramaticais na fala de indivíduos de diferentes faixas etárias. Nesta pesquisa, analisaremos a fala de indivíduos em diferentes faixas etárias, a fim de verificar se a variação das vogais médias pretônicas está em mudança em progresso para o abaixamento ou em variação estável. Além disso,

nos trabalhos tomados como referência (SILVA 1989; YACOVENCO 1993; CELIA 2004; AMORIM 2009), a faixa etária correspondente ao grupo dos idosos favoreceu a aplicação do alteamento. Por isso, controlamos os seguintes fatores:

- Faixa I – 22 a 35 anos;
- Faixa II – 36 a 49 anos;
- Faixa III – a partir de 50 ano

Monitoramento estilístico

Neste grupo, será analisado o tipo de registro. No PORCUFORT, temos inquéritos do tipo DID (discurso entre informante e documentador), D2 (diálogo entre dois informantes) e EF (elocução formal), conforme esclarece Araújo (2011). No primeiro, a entrevista é conduzida por um documentador que é orientado a explorar temas de narrativas de experiências pessoais, como lembranças de infância, vida familiar, entre outros, pois, assim, o informante fica mais confortável e até esquece da situação da entrevista, deixando de prestar atenção à própria fala (LABOV, [1972] 2008). Já, no segundo, os entrevistados, geralmente, são amigos ou conhecidos. Neste tipo de registro, o documentador, praticamente, não fala na maioria dos inquéritos. A conversa tem tema livre e os participantes ficam à vontade para falar sobre o que quiserem. É muito comum, no D2, a disputa pelo turno de fala e a sobreposição de vozes. No terceiro, o EF, encontramos aulas e conferências em que o informante mantém um nível bastante elevado de monitoramento da própria fala (ARAÚJO, 2011).

O controle deste grupo de fatores é importante, pois as diferenças de estilo decorrentes do tipo de inquérito podem influenciar as regras que analisaremos. Sendo assim, a fim de averiguarmos a influência do monitoramento estilístico sobre a variação das pretônicas médias, analisamos os seguintes fatores:

- DID
- D2
- EF

4.3 LEVANTAMENTO DE DADOS

A partir dos inquéritos do PORCUFORT, coletamos as ocorrências das pretônicas médias que foram submetidas à análise estatística. Foram coletadas as pretônicas médias no contexto CVC (consoante vogal consoante) em verbos e substantivos.

Desprezamos os 15 primeiros minutos de cada inquérito, pois este é o período em que o informante, talvez, não se encontre descontraído com a situação da entrevista. Após esse intervalo de tempo, presumimos que o entrevistado já esteja confortável com a situação e passa a não monitorar a própria fala, deixando, assim, emergir o vernáculo. Segundo Labov ([1972] 2008), o vernáculo é a primeira língua aprendida pelo falante, utilizada principalmente entre amigos e membros da família. Essa língua é observada na fala mais espontânea, ou seja, quando o falante não está monitorando seu uso.

A transcrição fonética dos dados foi feita de oitiva e estimamos que ouvimos, aproximadamente, 30 horas de gravações. A seguir, apresentamos a definição operacional das variáveis.

4.4 CODIFICAÇÃO DOS FATORES

Após a transcrição fonética das ocorrências, os dados foram codificados, conforme os fatores linguísticos e sociais já definidos. Portanto, para cada um desses fatores foi atribuído um símbolo alfanumérico que o representa na cadeia de codificação. Assim, para uma ocorrência como *televisão*, temos a seguinte codificação: (0AAim2lnFbD

0 abaixamento;

A contexto precedente alveolar;

A contexto seguinte alveolar;

i vogal tônica;

m vogal átona seguinte média aberta anterior;

2 distância da sílaba;

l sílaba livre; n classe do vocábulo nominal;

F feminino;

b segunda faixa etária;

D inquérito DID

Após esta etapa de codificação, os dados foram submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005), descrita na seção seguinte.

4.5 A ANÁLISE ESTATÍSTICA

De acordo com Guy e Ziles (2007), a realização de análises estatísticas no estudo da variação linguística permite ao pesquisador apreender sua sistematicidade e seu encaixamento linguístico e social. Ainda, segundo os autores, a variação linguística não pode ser adequadamente analisada de modo estritamente categórico ou qualitativo. Antes da utilização de métodos quantitativos, a variação linguística era considerada um fenômeno aleatório ou impossível de ser cientificamente apreendido. Portanto, na pesquisa sociolinguística, é utilizado o Varbrul, conjunto de programas computacionais de análise multivariada desenvolvido para trabalhar com dados em variação linguística (GUY; ZILLES, 2007).

A análise multivariada possibilita investigar a variação linguística em circunstâncias em que a variável é influenciada por diversos grupos de fatores independentes. Tal análise mede os efeitos das variáveis independentes sobre a variável dependente. Logo, é permitido ao pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre as variáveis independentes. Além disso, o programa tolera trabalhar com dados com desvios em distribuição e permite recodificar e reacomodar os dados. (GUY; ZILLES, 2007). Ou seja, mesmo com células vazias ou com uma distribuição de dados desigual, o programa consegue operar normalmente.

Os resultados quantitativos geralmente são apresentados em tabelas e, nelas, são expostos as frequências absolutas, os percentuais e os pesos relativos calculados pelo programa. O peso relativo é “uma medida probabilística usada para calcular o efeito de um fator sobre a aplicação de uma regra variável” (COELHO *et al.*, 2010). Além de outros dados importantes como *input*, *significância* e *log-likelihood*¹¹. “Input representa o nível

¹¹ Média corrigida, margem de erro e logaritmo de verossimilhança respectivamente.

geral de uso de determinado valor da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 238). Com efeito, ele opera na correção dos percentuais, quando, na amostra, a distribuição dos dados não é regular. Significância é um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados, considerando de onde estes foram extraídos (GUY; ZILLES, 2007, p. 85). Em outras palavras, são as chances de determinados resultados serem obtidos, considerando o universo do qual os mesmos provêm. Já o *log-likelihood* ou logaritmo de verossimilhança “é um número que mede a qualidade de aproximação entre o modelo (fatores, contextos, pesos, *input* etc) e os dados observados” (GUY; ZILLES, 2007, p. 239). No entanto, a interpretação desses dados depende das teorias linguísticas e sociais que embasam as hipóteses e a definição das variáveis independentes (GUY; ZILLES, 2007).

A análise dos dados nossos foi feita com o programa GoldVarb X, que é a versão mais recente para ambiente Windows, do programa Varbrul. Este programa forneceu os pesos relativos para os fatores de cada grupo. Sendo assim, é possível identificar se um determinado fator contribui ou não para a aplicação de cada regra. Quanto aos valores, se o peso relativo for abaixo de ($,50$), será considerado desfavorecedor, se o peso relativo for acima de ($,50$) será considerado favorecedor da regra e se o peso relativo estiver exatamente em ($,50$) será considerado um fator neutro, que não condiciona e nem inibe a aplicação.

Além disso, o programa indica os fatores que mais contribuem para a aplicação do fenômeno variável em pauta. Com base nos dados estatísticos fornecidos pelo programa, elaboramos gráficos e tabelas que serão analisados e descritos sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

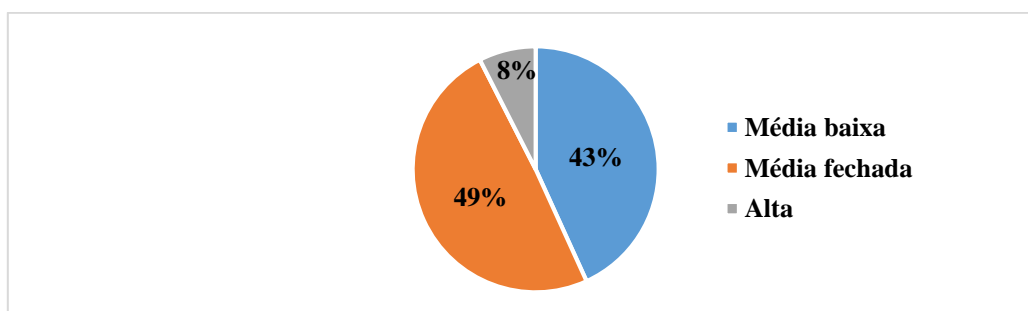
Nesta seção, relataremos os procedimentos realizados, com o programa GoldVarb X, nas rodadas feitas para as regras de abaixamento, manutenção e alteamento das vogais /E/ e /O/. Foram realizadas rodadas binárias para cada uma das variantes, e assim obtivemos os pesos relativos. Inicialmente, apresentamos os dados gerais para cada regra, os fatores que sofreram nocaute, os grupos selecionados e, posteriormente, apresentamos nossa análise das variáveis com base nos pesos relativos obtidos.

5.1 VISÃO GERAL DAS REGRAS DE ABAIXAMENTO, MANUTENÇÃO E ALTEAMENTO PARA /E/

Nesta seção, apresentamos o desempenho das regras de abaixamento, manutenção e alteamento, visando proporcionar uma visão geral de como se configura a distribuição dessas regras para a vogal anterior /E/ na fala culta da cidade de Fortaleza. Sendo assim, faremos isso relatando a quantidade de dados coletados na nossa amostra, para cada uma das variantes e expondo, graficamente, os percentuais que as mesmas representam.

Em nossa amostra, obtivemos o quantitativo de 3.206 dados referentes à vogal anterior, dos quais 1.385 (43%) correspondem à vogal média aberta [ɛ], 1.580 (49%) correspondem à vogal média fechada [e] e apenas 241 (8%) ocorrências correspondem à vogal alta [i]. No gráfico 1, podemos ver como está representada essa distribuição em números percentuais.

Gráfico 1 – Frequência de uso das variantes da vogal pretônica /E/

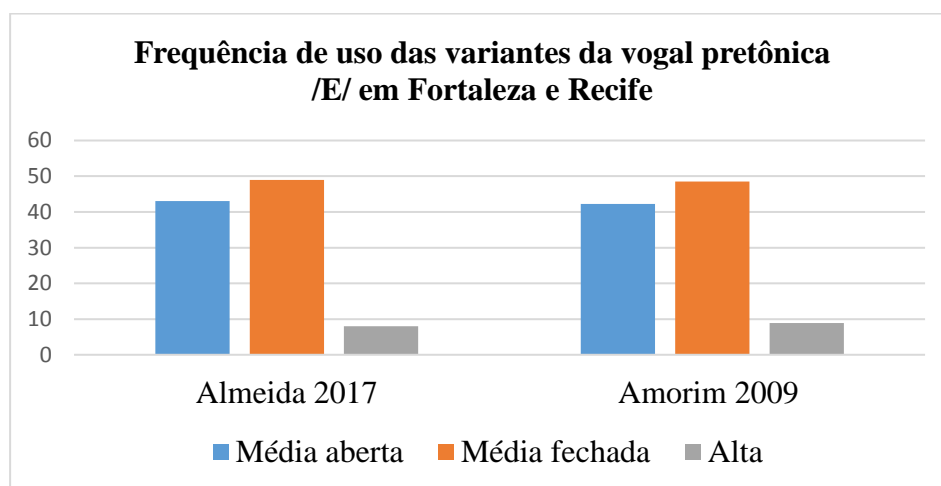


Fonte: própria autora

Como pudemos perceber pelos números apresentados no gráfico 1, as vogais médias fechadas são as mais empregadas na fala culta dos fortalezenses, seguidas pelas vogais médias abertas, já as vogais altas quase não são empregadas. Acreditamos que este resultado se deve ao fato de que os informantes de nossa amostra possuem nível universitário e, por esta razão, utilizam mais a vogal média fechada e evitam a vogal alta. Ou seja, a disputa fica somente entre a vogal média fechada e a vogal média aberta, tanto que, como pudemos constatar no gráfico 1, a diferença de aplicação entre as vogais média fechada e média aberta não é tão grande, o que nos leva a inferir que, embora o percentual da vogal média fechada seja maior, a vogal média aberta é ainda muito utilizada, revelando que o traço regional do abaixamento das vogais pretônicas (NASCENTES, 1922) permanece muito forte, mesmo entre os indivíduos com alto grau de escolaridade.

A seguir, apresentamos no gráfico 2, uma comparação entre as nossas frequências de uso, e as frequências de uso no trabalho de Amorim (2009), realizado em Recife. Compararemos os nossos resultados somente com os de Amorim (2009), porque este é o único estudo, dentre os que foram abordados neste trabalho, que apresenta os percentuais gerais de cada variante. Os demais trabalhos não o fazem.

Gráfico 2 - Frequência de uso das variantes da pretônica /E/ em Fortaleza e Recife



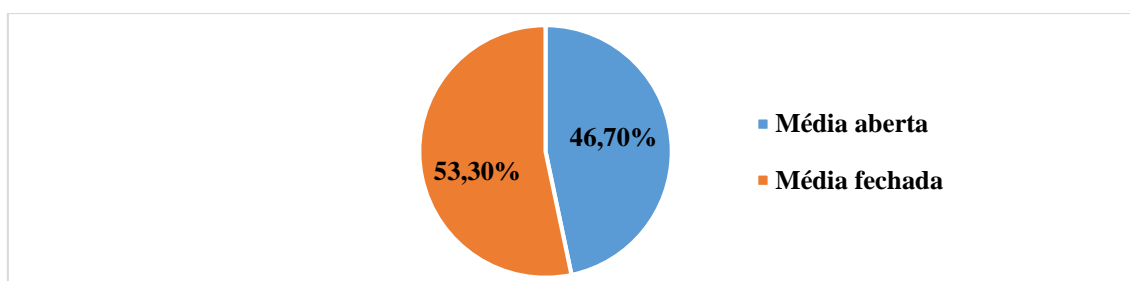
Fonte: própria autora

Como pudemos observar, as frequências de uso são muito semelhantes, já que tanto os falantes cultos de Fortaleza quanto os de Recife empregam ora a média fechada e ora a média aberta, ficando a vogal alta com a menor ocorrência dentre as três variantes.

5.1.1 Rodada para o abaixamento de /E/

Para a rodada do abaixamento da vogal anterior, utilizamos o programa GoldVarb X e solicitamos ao programa uma rodada com a vogal média aberta [ɛ] em oposição à vogal média fechada [e]. Após este procedimento, o programa mostrou que, de um total de 2.965 dados dentre as ocorrências para as variantes abertas e fechadas, 1.385 são da vogal [ɛ] (47%) e 1.580 (53%) são da vogal [e]. Nesta primeira etapa, não obtivemos nenhum nocaute e pudemos ter uma visão geral da aplicação do fenômeno em números percentuais, como mostra o gráfico 3.

Gráfico 3 – Frequência de uso das variantes [ɛ] x [e] para a vogal pretônica /E/



Fonte: própria autora

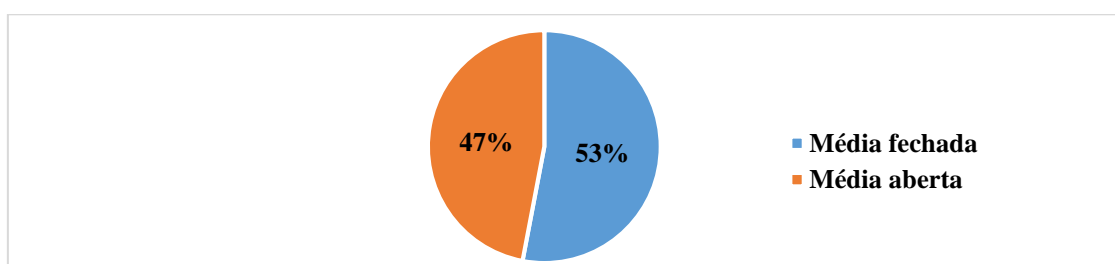
No gráfico 3, observamos que a aplicação da regra de abaixamento tem um percentual de aplicação menor do que a regra da manutenção, ou seja, a vogal média fechada [e] é, levemente, mais utilizada do que a vogal média aberta [ɛ].

Após a primeira rodada que nos revelou os números percentuais da regra do abaixamento, seguimos para a rodada *step and down* que nos forneceu o número da melhor rodada, que foi a rodada 61, com *Input* = 0.453, *Log Likelihood* = -1497.856 e *Significance* = 0.011. Os grupos selecionados pelo programa, por ordem de relevância, para a vogal [ɛ], foram *tipo de vogal tônica*, *tipo de átona seguinte*, *atonicidade*, *faixa etária*, *classe do vocábulo*, *contexto fonológico precedente*, *contexto fonológico seguinte*, e *monitoramento estilístico*. Já os grupos excluídos pelo programa foram *distância da vogal tônica*, *sexo* e *estrutura da sílaba*, nesta ordem.

5.1.2 Rodada para a manutenção de /E/

Nesta rodada para a manutenção, submetemos 2.965 dados, dos quais 1.385 ocorrências são da vogal média baixa [ɛ] (47%) e 1.580 (53%) são da vogal média fechada [e]. Desta vez, realizamos o procedimento contrário ao da rodada do abaixamento, ou seja, realizamos uma rodada com a vogal média fechada em oposição à vogal média aberta. No gráfico 4, vemos que os percentuais são os mesmos apresentados no gráfico 3, referente à regra de abaixamento.

Gráfico 4 – Frequência de uso das variantes [e] x [ɛ] para a vogal anterior /E/



Fonte: própria autora

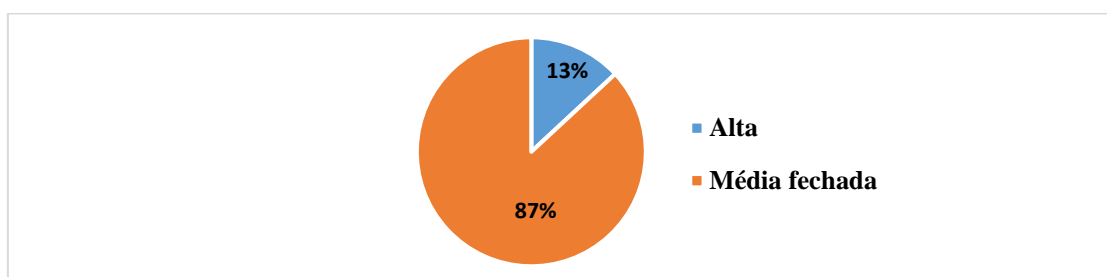
Retomando os procedimentos da análise, não tivemos nenhum fator com nocaute, então prosseguimos com a rodada *step up and down*. A melhor rodada foi a de número 61, com *Input* = 0.547, *Log Likelihood* = -1497.856 e *Significance* = 0.011. Sendo assim, os grupos selecionados, por ordem de relevância, para a vogal [e], foram: *tipo de vogal tônica, tipo de átona seguinte, atonicidade, faixa etária, classe do vocábulo, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, e monitoramento estilístico*. Já os grupos excluídos pelo programa foram *distância da vogal tônica, sexo e estrutura da sílaba*, nesta ordem.

5.1.3 Rodada para o alteamento de /E/

Na rodada para o alteamento, obtivemos 1.821 ocorrências: 1.580 (87%) são da vogal média fechada e apenas 241 (13%) são da vogal alta. Nesta primeira rodada, tivemos dois nocautes no grupo tipo de vogal tônica, nos fatores [õ] (02 ocorrências [de'mõʃrãw] [selesi'õnãw]) e [ũ] (03 ocorrências da mesma palavra [de'nũsjə]); um

nocaute no grupo tipo de átona seguinte, no fator [i] (03 ocorrências da mesma palavra [dʒizĩvow¹ve]), além de um nocaute no fator glotais, no grupo contexto fonológico seguinte, pois todas as ocorrências não sofreram alteamento. Sendo assim, excluindo os nocautes, ficamos com 1.813 dados (238 para [i] e 1575 dados para [e]). No gráfico 5, mostramos como essa distribuição se configura em percentuais após a exclusão dos nocautes:

Gráfico 5 – Frequência de uso das variantes [e] x [i] para a vogal pretônica /E/



Fonte: própria autora

Retomando a descrição dos procedimentos da nossa análise, após a exclusão dos nocautes, seguimos com a rodada *step up and down*. O programa GoldVarb X selecionou a rodada de número 47, com os valores de *Input* = 0.045, *Log Likelihood* = -477.106, e *Significance* = 0.005. Os grupos de fatores selecionados, por ordem de relevância, para a vogal [i], foram: *contexto fonológico precedente*, *tipo de vogal tônica*, *faixa etária*, *atonicidade*, *distância da vogal tônica*, e *contexto fonológico seguinte*. Já os grupos excluídos pelo programa foram: *sexo*, *classe do vocábulo*, *estrutura da sílaba*, *monitoramento estilístico* e *distância da vogal tônica*, nesta ordem.

5.2 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS PARA A VOGAL ANTERIOR /E/

Nesta seção, faremos a análise das variáveis para as regras de abaixamento, manutenção e alteamento relativas à vogal anterior, exibindo os resultados dos pesos relativos para os fatores de cada grupo, bem como os percentuais de aplicação de cada fator. As ilustrações presentes em nosso texto foram retiradas dos inquéritos 13, 21 e 42.

5.2.1 Contexto fonológico precedente

Tabela 1 – Atuação do contexto fonológico precedente sobre a pretônica /E/

Contexto fonológico precedente	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Alveolar / dental Ex.: <u>con</u> seguir	49.5% (522/1054)	,463	50.5% (532/1054)	,537	13.9% (85/610)	,564
Labiais Ex.: <u>tuberculo</u> se	40.1% (510/1272)	,513	59.9% (762/1272)	,487	5.1% (41/802)	,346
Palatais e palatalizadas Ex.: <u>g</u> estante	46.1% (59/128)	,509	53.9% (69/128)	,491	55.8% (87/156)	,952
Velares Ex.: <u>q</u> uerendo	66.3% (65/98)	,797	33.7% (33/98)	,203	2.9% (1/34)	,120
Glotais Ex.: <u>r</u> esultado	55.4% (229/413)	,469	44.6% (184/413)	,531	11.5% (24/208)	,448

Fonte: própria autora

A tabela 1 mostra o desempenho dos fatores do grupo contexto fonológico precedente para as regras de abaixamento, manutenção e alteamento, pois este grupo foi selecionado pelo programa GoldVarb X para as três regras. Neste grupo de fatores, não tivemos nenhum nocaute. Sendo assim, seguimos com a descrição dos fatores favorecedores para cada regra.

Como vemos na tabela 1, as labiais (,513) se apresentaram quase neutras, as palatais e palatalizadas (,509) se comportaram de forma neutra, já as velares (,797) beneficiam o abaixamento. Os fatores aliados da regra de manutenção da vogal anterior são as alveolares / dentais (,537), e a glotais (531). Já os fatores que privilegiam o alteamento são alveolar / dental (,564) e palatais e palatalizadas (,952). Nas pesquisas de Silva (1989), (,64); Celia (2004), (,69); e Amorim (2009), (,75); o fator palatal foi relevante para o alteamento.

As consoantes alveolares possuem traço articulatório baixo, são produzidas com a língua em posição mais ou menos plana (BISOL, 1981) e, por esta razão,

esperávamos que esta tivesse um papel bastante expressivo na atuação da regra do abaixamento, mas este fator não figurou como aliado da regra (,463). Já, para a manutenção, as alveolares aparecem como influenciadoras positivas da regra. Inesperadamente, este fator foi aliado da regra do alteamento. Neste caso, inferimos que outros fatores, como a vogal tônica ou vogal átona seguinte, podem estar influenciando este comportamento, posto que o traço mais baixo não é compatível com a harmonização vocálica.

As palatais, que possuem traço articulatorio alto, aparecem na regra de abaixamento, porém apenas como fator neutro (,509). Já, na regra de alteamento, elas figuram como grandes aliadas, comprovando a nossa expectativa quanto à altura da sua articulação.

Apesar de a consoante velar possuir traço articulatorio alto, inesperadamente, obtivemos este fator como aliado do abaixamento. A explicação para isso se deve ao fato de que esta consoante não possui um ponto fixo na zona de articulação e, por isso, se ajusta à produção mais recorrente no dialeto (SILVA, 2009 p. 130).

No entanto, a fim de checar por qual razão o contexto velar apareceu como influenciador da regra de abaixamento, analisamos nossas rodadas, detalhadamente e descobrimos que o contexto velar diante da vogal tônica [a] e [ẽ] favorecem positivamente o abaixamento. Também realizamos o mesmo procedimento para o fator alveolar, na regra do alteamento, e, então, descobrimos que a interferência era proveniente da vogal [i] na sílaba tônica. Ou seja, a alveolar quando próxima da vogal alta anterior se torna aliada do alteamento.

5.2.2 Contexto fonológico seguinte

Tabela 2 – Atuação da variável contexto fonológico seguinte sobre a pretônica /E/

Contexto fonológico seguinte	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Alveolar / dental	44.8% (803/1791)	,506	55.2% (988/ 1791)	,494	8.4% (90/1074)	,433
Ex.: quer <u>e</u> mos						

Tabela 3 – Atuação da variável contexto fonológico seguinte sobre a pretônica /E/

(Continuação)

Contexto fonológico seguinte	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Labiais Ex.: lem <u>br</u> a <u>n</u> ça	51% (317/622)	,543	49% (305/ 622)	,457	17.6% (65/369)	,608
Palatais / palatalizadas Ex.: prej <u>u</u> dic <u>a</u>	37.8% (79/209)	,334	62.2% (130/209)	,666	16.7% (26/156)	,593
Velares Ex.: sequ <u>e</u> las	53.3% (176/330)	,485	46.7 (154/ 330)	,515	27% (57/211)	,584
Glotais Ex.: terr <u>e</u> no	76.9% (10/13)	,765	23.1% (3/13)	,235	Nocaute	

Fonte: própria autora

O grupo contexto fonológico seguinte, assim como o grupo contexto fonológico precedente, foi selecionado pelo programa para as três regras e também não apresentou nenhum nocaute dentre os fatores.

Como vemos na tabela 2, os fatores que influenciam positivamente a aplicação da regra de abaixamento são as labiais (,543) e glotais (,765). As alveolares / dentais (,506) tiveram um comportamento neutro. Em Amorim (2009), o fator labial (,58) também foi relevante e, na pesquisa de Celia (2004), foram relevantes os fatores labial (,54) e alveolar (,55).

Já os fatores aliados da manutenção são as velares (,515) e palatais e palatalizadas (,666). Quanto aos fatores aliados do alteamento, a tabela 2 mostra que tais contextos são os seguintes: labiais (,608), palatais (,593) e velares (,584). Em Silva (1989), (,53); e Amorim (2009), (,63); as labiais também beneficiaram o alteamento.

5.2.3 Atonicidade

Tabela 4 – Atuação da variável atonicidade sobre a pretônica /E/

Atonicidade	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Átona permanente	49.5% (1292/2612)	,525	50.5% (1320/2612)	,475	13.7% (210/1530)	,543
Átona casual	26.3% (93/353)	,324	73.7% (260/353)	,676	10.7% (31/291)	,288

Fonte: própria autora

A atonicidade foi um grupo de fatores selecionado para as três regras. Sendo assim, como vemos na tabela 3, o fator aliado do abaixamento é a átona permanente (,525) e o fator átona casual (,324) é um inibidor. Para a regra de manutenção, o fator favorecedor é a átona casual (,676), e a átona permanente (,475) não favorece a regra. Já, para a regra de alteamento, o fator que influencia, positivamente, a aplicação da regra é o fator átona permanente (,543), já a átona casual (,288) intimida a aplicação da regra.

Ou seja, o fator átona permanente favorece levemente as regras de abaixamento e alteamento, enquanto o fator átona casual inibe a aplicação dessas duas regras e beneficia somente a regra de manutenção. Encontramos resultados semelhantes na pesquisa de Celia (2004), cujo fator átona permanente (,59) contribui positivamente com o alteamento. Além disso, na pesquisa de Yacovenco (1993), a átona casual (,63) também é aliada da manutenção.

De acordo com Bisol (1981, p. 101), “é a átona permanente, a que nunca recebe o acento principal, a vogal que se supõe como ambiente por excelência da regra de harmonização”. Ainda segundo a autora, as átonas casuais sofreram mudanças prosódicas através de processos de derivação, passando de tônica à átona, ou vice versa. Por esta razão, as átonas permanentes são o ambiente ideal para o alteamento, já que as átonas casuais guardam resquícios de suas formas de origem.

5.2.4 Tipo de vogal tônica

Tabela 5 – Atuação da variável tipo de vogal tônica sobre a pretônica /E/

Tipo de vogal tônica	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[a]	67.5% (384/569)	,752	32.5% (185/569)	,248	9.3% (19/204)	,430
[ɛ]	76.1% (51/67)	,872	23.9% (16/67)	,128	33.3% (8/24)	,747
[e]	16.8% (29/173)	,244	83.2% (144/173)	,756	11.7% (19/163)	,630
[ɔ]	86.4% (57/66)	,893	13.6% (9/66)	,107	30.8% (4/13)	,807
[o]	10.6% (46/435)	,107	89.4% (389/435)	,893	0.3% (1/390)	,075
[i]	37.3% (178/477)	,447	62.7% (299/477)	,553	26.2% (106/405)	,864
[u]	68.4% (54/79)	,690	31.6% (25/79)	,310	7.4% (2/27)	,608
[ã]	43.8% (81/185)	,516	56.2% (104/185)	,484	11.1% (13/117)	,570
[ẽ]	58.1% (158/272)	,570	41.9% (114/272)	,430	18.6% (26/140)	,716
[õ]	91.7% (22/24)	,919	8.3% (2/24)	,081	Nocaute	
[î]	28.6% (4/14)	,487	71.4% (10/14)	,513	33.3% (5/15)	,898
[ũ]	78.6% (11/14)	,843	21.4% (3/14)	,157	Nocaute	
Ditongos orais e nasais	52.5% (310/590)	,538	47.5% (280/590)	,462	11.9% (38/318)	,465

Fonte: própria autora

O grupo tipo de vogal tônica foi selecionado pelo programa GoldVarb X para as regras de abaixamento, manutenção e alteamento da vogal anterior.

Os fatores aliados do abaixamento foram as vogais orais [u] (.690), [a] (.752), [ɛ] (.872), e [ɔ] (.893); as vogais nasais [ã] (.516), [ẽ] (.570), [ũ] (.843) e [õ] (.919); e os ditongos nasais e orais (.538). No estudo de Celia (2004), as vogais média baixa (.97) e vogal baixa (.81) são aliadas do abaixamento. Em Amorim (2009), as vogais médias altas (.68) e os ditongos (.68) influenciam, positivamente, esta regra.

Para a manutenção, os fatores favorecedores da aplicação desta regra são as vogais orais [i] (,553), [e] (,756), e [o] (,893); e a vogal nasal [ĩ] (,513). As vogais aliadas da manutenção são as vogais médias e as vogais nasais.

Como mostra a tabela 4, tivemos o nocaute dos fatores [õ] e [õ] nos resultados para a regra de alteamento. Já os fatores apontados como favorecedores da regra são as vogais orais [u] (,614), [e] (,630), [ɛ] (,747), [ɔ] (,807), e [i] (,864); e as vogais nasais [ã] (,570), [ẽ] (,716) e [ĩ] (,898). Na pesquisa de Amorim (2009), também foram favorecedoras do alteamento as vogais orais médias (,75) e altas (,96), assim como as vogais nasais (,86). Já, no trabalho de Celia (2004), a vogal alta anterior (,86) foi relevante para aplicação do alteamento.

Em resumo, podemos dizer que as vogais orais baixas privilegiam o abaixamento, as vogais orais médias beneficiam a manutenção e as vogais orais altas são aliadas do alteamento. Ou seja, podemos perceber um padrão, em que as pretônicas tendem a assimilar o traço de altura da vogal tônica. Já as vogais nasais figuram como favorecedoras das três regras. De acordo com Bisol (1981, p. 69), a “vogal [e] quando nasalizada se aproxima da área da vogal [i], por aumento das frequências dos formantes altos, favorecendo o processo de harmonização vocálica”. Em vista disso, temos, nas palavras desta autora, uma explicação para as vogais nasais contribuírem com o alteamento.

5.2.5 Tipo de átona seguinte

Tabela 6 – Atuação da variável tipo de vogal seguinte sobre a pretônica /E/

Tipo de átona seguinte	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[a]	77.6% (191/246)	,789	22.4% (55/246)	,211	5.2% (3/58)	,301
[ɛ]	89.2% (166/186)	,893	10.8% (20/186)	,107	13% (3/23)	,747
[e]	12.7% (15/118)	,144	87.3% (103/118)	,856	5.5% (6/109)	222

Tabela 5 – Atuação da variável tipo de vogal seguinte sobre a pretônica /E/

(Continuação)

Tipo de átona seguinte	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[ɔ]	68.9% (31/45)	,588	31.1% (14/45)	,412	22.2% (4/18)	,860
[o]	38.5% (45/117)	,344	61.5% (72/117)	,656	21.7% (20/92)	,636
[i]	55.6% (235/423)	,479	44.4% (188/423)	,503	22.6% (55/243)	,617
[u]	59.5% (44/74)	,552	40.5% (30/74)	,448	34.8% (16/46)	,789
[ɐ]	91.7% (11/12)	,925	8.3% (1/12)	,075	66.7% (2/3)	,805
[ɛ]	70.8% (51/72)	,766	29.2% (21/72)	,234	27.6% (8/29)	,861
[õ]	66.7% (20/30)	,684	33.3% (10/30)	,316	23.1% (3/13)	,332
[i]	Sem ocorrência		Sem ocorrência		Nocaute	
Sem átona seguinte	35.1% (576/1642)	,410	64.9% (1066/1642)	,590	10% (118/1184)	,469

Fonte: própria autora

O grupo de átona seguinte foi selecionado para as três regras. Não tivemos ocorrências da vogal [i] para as regras de abaixamento e manutenção, já, na regra de alteamento, tivemos ocorrências, mas houve nocaute.

De acordo com a tabela 5, vemos que os fatores aliados do abaixamento são [u] (,552), [ɔ] (,588), [õ] (,684), [ɛ] (,766), [a] (,789), [ɛ] (,872), e [ã] (,995). No trabalho de Celia (2004), a vogal baixa (,96) e a vogal média baixa (,95) favoreceram o abaixamento. No trabalho de Amorim (2009), o fator aliado foi a média anterior aberta (,58).

Para a regra de manutenção, os fatores aliados são [o] (,656) e [e] (,856), o fator sem átona seguinte (,590). Já o fator [i] (,503) é neutro. Na pesquisa de Yacovenco (1993), a vogal média (,66) e a vogal alta (,66) também foram favorecedoras da regra.

Já, para a regra de alteamento, seus aliados foram os contextos: [i] (,617), [o] (,636), [ɛ] (,747), [u] (,789), [ã] (,805), [ɔ] (,860), e [ẽ] (,861). No estudo de Silva (1989), as vogais altas (,91) foram aliadas do processo de alteamento.

Podemos, então, perceber que este grupo se comportou de forma semelhante ao grupo tipo de vogal tônica, pois os fatores aliados do abaixamento foram as vogais orais baixas, da manutenção foram as vogais orais médias e do alteamento foram as vogais orais altas. Já as vogais nasais privilegiam as três regras.

5.2.6 Distância da vogal tônica

Tabela 7 – Atuação da variável distância da sílaba tônica sobre a pretônica /E/

Distancia da sílaba tônica	Abaixamento	Manutenção	Alteamento	
	Frequência	Frequência	Frequência	Peso relativo
Distância 1	35.1% (577/1642)	64.9% (1065/1642)	9.9% (117/1182)	,450
Distância 2	61.4% (575/937)	38.6% (362/937)	20.8% (95/457)	,619
Distância 3	60.7% (199/328)	39.3% (129/328)	11% (16/145)	,475
Distância 4 ou mais	58.6% (34/58)	41.4% (24/58)	35.1% (13/37)	,703

Fonte: própria autora

O grupo distância da vogal tônica foi selecionado apenas para a regra de alteamento. Como mostra a tabela 6, os fatores distância 2 (,619) e distância 4 ou mais (,703) são aliados do alteamento, já a distância 1 (,450) e distância 3 (,475) não são aliadas da regra. Nas pesquisas de Amorim (2009) e Celia (2004), este fator não foi selecionado para o alteamento.

De acordo com Bisol (1981, p. 110), um dos fatores que pode desencadear alteamento é a presença de uma vogal alta na sílaba vizinha à vogal pretônica. Sendo assim, o esperado é que a distância 1 protagonize esse processo. No entanto, nossos resultados apontaram para as distâncias 2 e 4, o que contraria este princípio. O que pode

estar acontecendo, neste caso, não é a influência da contiguidade e sim a influência de consoantes com traço articulatório alto sobre as vogais (BISOL, 1981 p. 111).

5.2.7 Estrutura da sílaba

Tabela 8 – Atuação da variável estrutura da sílaba sobre a pretônica /E/

Estrutura da sílaba	Abaixamento	Manutenção	Alteamento
	Frequência	Frequência	Frequência
Livre	43.5% (849/1950)	56.5% (1101/1950)	12.5% (158/1259)
Travada	52.8% (536/1015)	47.2% (479/1015)	14.8% (83/562)

Fonte: própria autora

De mesmo modo que o grupo *distância da vogal*, o grupo *estrutura da sílaba* não foi selecionado pelo programa GoldVarb X para nenhuma das regras.

Segundo Bisol (1981), a coda silábica nasal favorece o alteamento de vogal anterior, pois esta, quando nasalizada, se torna mais alta do que [e], aproximando-se da vogal [i]. No entanto, como este grupo não foi selecionado, não pudemos validar ou não esta hipótese.

5.2.8 Classe do vocábulo

Tabela 9 – Atuação da variável classe do vocábulo sobre a pretônica /E/

Classe do vocábulo	Abaixamento		Manutenção		Alteamento
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência
Verbo	39% (411/1053)	,425	61% (642/1053)	,575	16.3% (125/767)
Substantivo	50.9% (974/1912)	,542	49.1% (938/1912)	,458	11% (116/1054)

Fonte: própria autora

O grupo classe do vocábulo foi selecionado para a regra de abaixamento, e para a regra de manutenção. Sendo assim, a tabela 8 mostra que o fator substantivo (,542) favorece positivamente o abaixamento e o fator verbo (,425) não o favorece. O oposto acontece na regra de manutenção, pois o fator verbo (,575) é aliado da regra, e o fator

substantivo (,458) não é. Na pesquisa de Amorim (2009), o fator verbo (,51) foi selecionado para o abaixamento.

De acordo com Carmo (2009), os nomes e os verbos se comportam de maneira distinta em relação ao alteamento. Isto porque os verbos, principalmente, os da segunda e da terceira conjugação são mais propícios ao alteamento do que os nomes (AVELHEDA; BATISTA DA SILVEIRA, 2011). A razão para tal comportamento é que os nomes e os verbos apresentam estruturas diferentes, sendo que a estrutura dos verbos é mais complexa (LEE, 1995). Portanto, o comportamento das vogais das raízes dos verbos e dos sufixos verbais tende a privilegiar o alteamento, mas o mesmo não acontece com os nomes (SCHIWINDT, 2002). Por esta razão, o fator substantivo (,544) foi selecionado para a regra do abaixamento.

5.2.9 Sexo

Tabela 10 – Atuação da variável sexo sobre a pretônica /E/

Sexo	Abaixamento	Manutenção	Alteamento
	Frequência	Frequência	Frequência
Masculino	49.3% (826/1675)	50.7% (849/1675)	14.8% (147/996)
Feminino	43.3% (559/1290)	56.7% (731/1290)	11.4% (94/825)

Fonte: própria autora

O grupo de fatores sexo, em nossa pesquisa, não foi selecionado para nenhuma das regras. Nos estudos de Yacovenco (1993) e Amorim (2009), o fator feminino, (,65) e (,68) respectivamente, favoreceu a manutenção. Já o fator masculino privilegiou o alteamento nas pesquisas de Silva (1989) e Amorim (2009), (,57) e (,55) respectivamente. Sendo assim, acreditamos que, para a vogal anterior, o fator sexo não tem relevância, já que este não foi selecionado pelo programa.

5.2.10 Faixa etária

Tabela 11 – Atuação da variável faixa etária sobre a pretônica /E/

Faixa etária	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Faixa I (22-35)	41.7% (420/1007)	,416	58.3% (587/1007)	,584	8% (51/638)	,351
Faixa II (36-49)	48.1% (479/995)	,529	51.9% (516/995)	,471	14.1% (85/601)	,530
Faixa III (50 ou mais)	50.5% (486/963)	,558	49.5% (477/963)	,442	18% (105/582)	,634

Fonte: própria autora

O grupo faixa etária foi selecionado para as regras de abaixamento, manutenção e alteamento. Como vemos na tabela 10, os fatores aliados do abaixamento são a faixa II (,529) e a faixa III (,558), mas a faixa I (,416) inibe a aplicação da regra. Nos trabalhos de Celia (2004) e Amorim (2009), a faixa II, (,67) e (,54) respectivamente, também favoreceu o abaixamento.

Já para a regra de manutenção, apenas o fator faixa I (,584) favorece a sua aplicação, enquanto a faixa II (,471) e a faixa III (,442) não favorecem. Do mesmo modo, em Amorim (2009), a faixa I (,53) privilegia a manutenção. Para o alteamento, os fatores faixa II (,530) e faixa III (,634) beneficiam a regra, enquanto a faixa I (,351) intimida o emprego do alteamento. Nos estudos de Celia (2004) e Silva (1989), a faixa III, (,55) e (,51) respectivamente, contribuíram positivamente com o alçamento.

Sendo assim, podemos notar que os indivíduos de meia idade e os mais idosos privilegiam o abaixamento e o alteamento, enquanto os jovens escolhem a manutenção. Supomos, então, que este resultado se deve ao fato de os mais jovens, por terem sido inseridos recentemente no mercado (no caso dos informantes da nossa amostra), são mais suscetíveis às influências do mercado e, por isso, privilegiam a manutenção. Já os indivíduos de meia idade que já estão inseridos no mercado há mais tempo, bem como os idosos que estão se desligando do mesmo, privilegiam o abaixamento e o alteamento. Este resultado não se configura como uma mudança em progresso, pois nossos resultados não mostram uma redução gradual na aplicação das regras. Segundo Eckert (1997), o comportamento linguístico dos indivíduos muda ao logo de suas vidas, conforme os acontecimentos de ordem biológica e social, como aquisição da linguagem, entrada na

escola, entrada no mercado de trabalho, aposentadoria e etc. Portanto, aqui está nítido que a aplicação das regras de abaixamento, manutenção e alteamento não estão em mudança em progresso, e que nossos resultados refletem a gradação etária.

5.2.11 Monitoramento estilístico

Tabela 12 – Atuação da variável monitoramento estilístico sobre a pretônica /E/

Monitoramento estilístico	Abaixamento		Manutenção		Alteamento
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência
D2	42.7% (330/772)	,497	57.3% (442/772)	,503	10.7% (53/495)
DID	47.5% (704/1483)	,472	52.5% (779/1483)	,528	15.1% (139/918)
EF	49.4% (351/710)	,560	50.6% (359/710)	,440	12% (49/408)

Fonte: própria autora

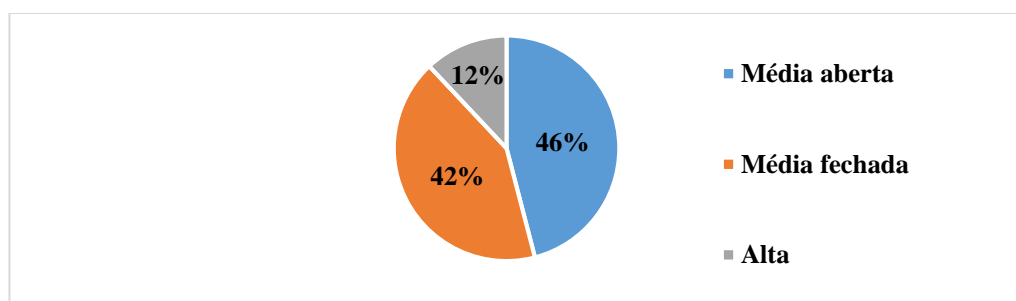
O grupo de fatores monitoramento estilístico foi selecionado somente para as regras de abaixamento e manutenção. Logo, este fator foi excluído para a regra do alteamento. Como mostra a tabela 11, o único fator favorecedor do abaixamento é o EF (,560), o DID (,472) e o D2 (,497) não são aliados da regra. Já o fator aliado da manutenção é o DID (,528), enquanto o D2 (,503) é neutro, por isso não contribui e nem inibe a manutenção, enquanto o EF (,440) desfavorece o seu emprego. Nos demais estudos, esta variável não foi selecionada.

O comportamento esperado para este grupo era que os contextos mais espontâneos, como o D2 e o DID, favorecessem o emprego das regras de abaixamento e alteamento, e o contexto mais formal, o EF, privilegiasse a manutenção. No entanto, o ocorrido em nossos resultados foi justamente o oposto. Diante deste resultado, nossa hipótese é que o EF favoreceu o abaixamento, porque, dentro comunidade de fala de Fortaleza, esta regra não é avaliada como uma variante estigmatiza, pois os falantes sequer se dão conta de que a estão produzindo.

5.3 VISÃO GERAL DAS REGRAS DE ABAIXAMENTO, MANUTENÇÃO E ALTEAMENTO PARA /O/

Nesta seção, apresentamos o desempenho geral das regras de abaixamento, manutenção e alteamento para a vogal posterior. Ao todo, foram catalogadas 2.654 ocorrências: 1.219 (46%) pertencem à vogal média aberta [ɔ], 1.116 (42%) são da vogal média fechada [o] e apenas 319 (12%) pertencem à vogal alta [u]. No gráfico 6, mostramos como essas variantes estão distribuídas em percentuais.

Gráfico 6 – Frequência de uso das variantes da vogal pretônica /O/



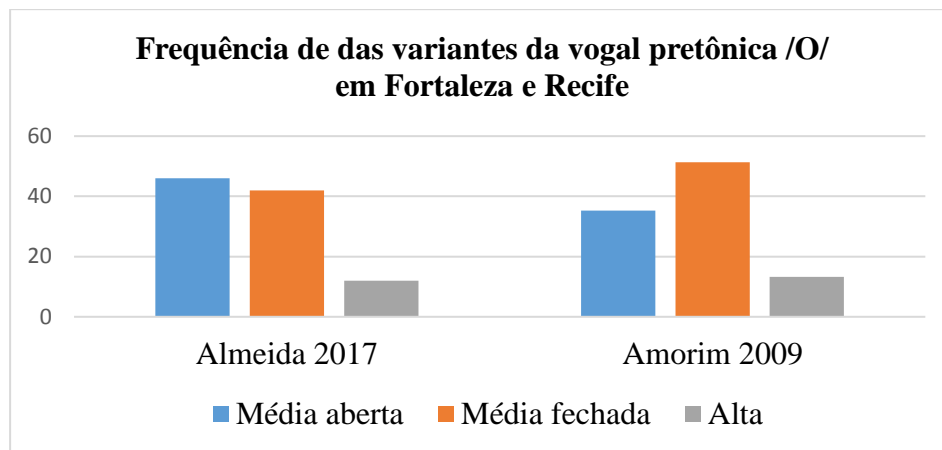
Fonte: própria autora

Como visto no gráfico 5, a regra do abaixamento (46%) lidera o percentual de aplicação, seguida pela regra da manutenção (42%), enquanto a regra do alteamento atingiu um percentual de apenas 12%. Neste caso, a vogal posterior se comporta de acordo com o esperado, prevalecendo a regra do abaixamento, característica da região nordeste (NASCENTES, 1922).

No entanto, a regra da manutenção fica atrás apenas por quatro pontos percentuais, o que pode indicar que o abaixamento da posterior não se sobrepõe por completo e que as duas regras estão, fortemente, competindo entre si. Quanto à regra do alteamento, por seu percentual de aplicação ser tão baixo, acreditamos que esta regra está fora da disputa, e que seu percentual baixo está de acordo com o esperado, pois os informantes de nossa amostra fazem parte de um banco de dados de fala culta.

A seguir, no gráfico 7, comparamos as frequências de uso das variantes da pretônica /O/ obtidas em nosso estudo e no estudo de Amorim (2009):

Gráfico 7 - Frequência das variantes da vogal pretônica /O/ em Fortaleza e Recife



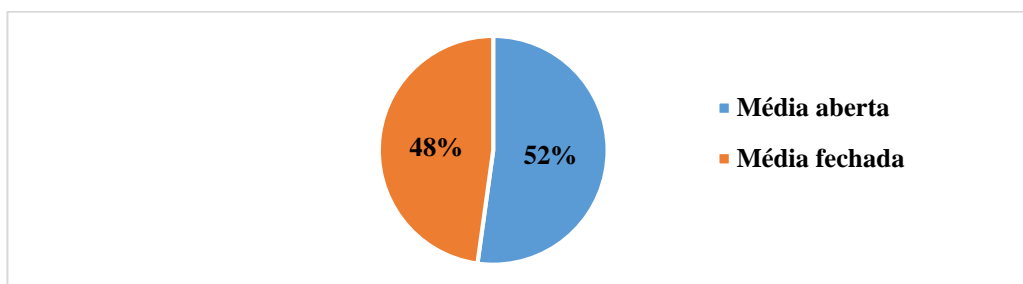
Fonte: própria autora

Como observado, em Fortaleza vemos uma disputa acirrada entre o emprego da média aberta e da média fechada. Já em Recife, o emprego da média fechada tem uma vantagem considerável sobre o emprego da média aberta. Portanto, em Recife, a regra da manutenção prevalece. Em relação à vogal alta, vemos que, nas duas capitais, a mesma é a menos utilizada.

5.3.1 Rodada para o abaixamento de /O/

Para a rodada do abaixamento, submetemos 2.335 dados ao programa GoldVarb X, sendo que 1.219 (52%) são da vogal média aberta [ɔ] e 1.116 (48%) são da vogal média fechada [o]. Com base nisso, fizemos uma rodada opondo a vogal média aberta à vogal média fechada. No gráfico 8, podemos ver como estão distribuídos esses números em dados percentuais.

Gráfico 8 – Frequência de uso das variantes [ɔ] x [o] para a vogal pretônica /O/



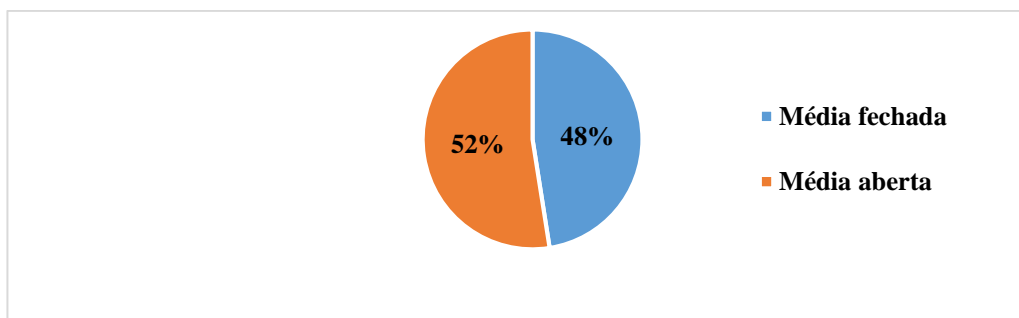
Fonte: própria autora

Nesta primeira rodada, ocorreu um nocaute no grupo tipo vogal tônica, no fator [ũ] (02 ocorrências: uma para a palavra conjunto [kõ'zũtu] e uma para a palavra confunde [kõ'fũdzɪ]). Decidimos, então, eliminar este nocaute e prosseguir com a rodada *Step up and down*. Na segunda rodada, o programa GoldVarb X selecionou a rodada de número 58, com *Input* = 0.470, *Log Likelihood* = -977.886, e *Significance* = 0.013. Os grupos de fatores selecionados, por ordem de relevância, para a vogal [ɔ], foram: *tipo de vogal tônica*, *contexto fonológico precedente*, *estrutura da sílaba*, *tipo de átona seguinte*, *sexo*, *classe do vocábulo*, *monitoramento estilístico* e *contexto fonológico seguinte*. Já os grupos de fatores excluídos foram: *atonicidade*, *faixa etária* e *distância da vogal tônica*.

5.3.2 Rodada para a manutenção de /O/

Para a rodada de manutenção da posterior, foram submetidas ao programa GoldVarb X 2.335 ocorrências, das quais 1.116 (48%) são da vogal média fechada [o] e 1.219 (52%) são da vogal média aberta [ɔ]. No gráfico 9, podemos visualizar melhor a distribuição destes valores.

Gráfico 9 – Frequência de uso das variantes [o] x [ɔ] para a vogal pretônica /O/



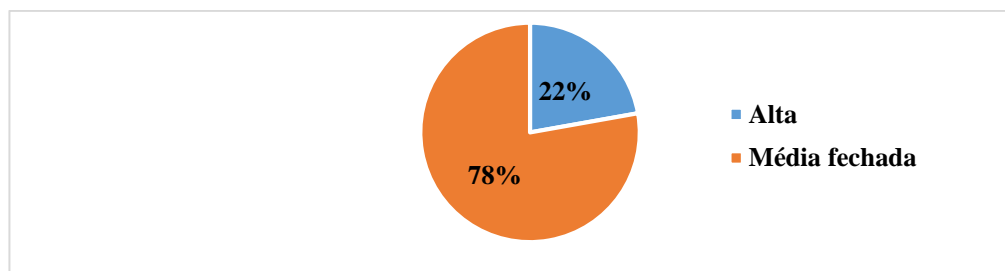
Fonte: própria autora

Solicitamos, então, uma rodada opondo a vogal média fechada à vogal média aberta. Nesta etapa, ocorreu um nocaute no grupo de fatores tipo de vogal tônica, no fator [ũ] (02 ocorrências, uma para a palavra conjunto [kõ'ʒũtu] e uma para a palavra confunde [kõ'fũdzɪ]), tal como aconteceu no abaixamento. Optamos por excluir este nocaute e seguimos com a rodada *Step up and down*. Nesta etapa, a melhor rodada selecionada pelo programa foi a de número 58, com *Input* = 0.530, *Log Likelihood* = -977.886 e *Significance* = 0.013. Os grupos selecionados, por ordem de relevância, para a vogal [o], foram os seguintes: o *tipo de vogal tônica*, *contexto fonológico precedente*, *estrutura da sílaba*, *tipo de átona seguinte*, *sexo*, *classe do vocábulo*, *monitoramento estilístico* e *contexto fonológico seguinte*. E os grupos de fatores excluídos foram, a saber, *atonicidade*, *faixa etária* e *distância da vogal tônica*.

5.3.3 Rodada para o alteamento de /O/

Para a rodada de alteamento, foram submetidas ao programa GoldVarb X 1.385 (78%) ocorrências, sendo 319 (22%) da vogal alta [u] e 1.066 da vogal média fechada [o]. No gráfico 10, estão expostos estes dados em números percentuais.

Gráfico 10 – Frequência de uso das variantes [u] x [o] para a vogal pretônica /O/



Fonte: própria autora

Sendo assim, fizemos uma rodada opondo a vogal alta à vogal média fechada, e, nesta primeira, ocorreu um nocaute no grupo contexto fonológico precedente, no fator palatal (03 ocorrências: chorou [ʃo¹roʁ] duas vezes e jogador [ʒoga¹do] uma vez); 3 nocautes no grupo tipo de vogal tônica, com os fatores [ɔ] (13 ocorrências), [õ] (02 ocorrências: conjunto [kõ¹ʒũtu] e confunde [kõ¹fũdʒɪ]), [õ] (02 ocorrências duas vezes confronto: [kõ¹frõtɥ]); e 3 nocautes no grupo tipo de átona seguinte, com os fatores [ã] (09 ocorrências), [ɔ] (18 ocorrências), e [õ] (03 ocorrências três vezes confrontação: [kõ¹frõtã¹sẽɥ]). Decidimos, então, excluir todos os nocautes e seguir com a rodada *Step up and down*. Nesta etapa, a melhor rodada para o alteamento da posterior foi a de número 58, com *Input* =0.138, *Log Likelihood* = -526.796e *Significance* = 0.000. Nesta rodada, os grupos selecionados, por ordem de relevância, para a vogal [u], foram, a saber: *estrutura da sílaba, monitoramento estilístico, tipo de átona seguinte, contexto fonológico seguinte, faixa etária, tipo de vogal tônica, sexo e contexto fonológico precedente*. Já os grupos de fatores irrelevantes foram os seguintes: *classe do vocábulo, atonicidade e distância da vogal tônica*, nesta ordem.

5.4 Análise das variáveis para a vogal posterior /O/

Nesta seção, faremos a análise das variáveis para as regras de abaixamento, manutenção e alteamento relativas à vogal posterior, exibindo os resultados dos pesos relativos para os fatores de cada grupo, bem como os percentuais de aplicação de cada fator.

5.4.1 Contexto fonológico precedente

Tabela 13 – Atuação da variável contexto precedente sobre a pretônica /O/

Contexto fonológico precedente	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Alveolar / dental	63.7% (307/482)	,564	36.3% (175/482)	,439	20.2% (44/218)	,355
Ex.: <u>totalidade</u>						
Labiais	57.6% (593/1030)	,670	42.4% (437/1030)	,338	18% (96/533)	,526
Ex.: <u>população</u>						
Palatais / palatalizadas	95.3% (61/64)	,956	4.7% (3/64)	,039	Nocaute	
Ex.: <u>Jornal</u>						
Velares	33.6% (249/740)	,197	66.4% (491/740)	,794	28.3% (178/269)	,532
Ex.: <u>complicou</u>						
Glotais	52.9% (9/17)	,342	47.1% (8/17)	,682	20% (1/4)	,280
Ex.: <u>rodando</u>						

Fonte: própria autora

O grupo contexto fonológico precedente foi selecionado para as regras de abaixamento, manutenção e alteamento. A regra de abaixamento tem como aliados os fatores alveolar / dental (,564), labiais (,670) e palatal e palatalizadas (,956).

Os fatores favorecedores da aplicação da regra de manutenção são os contextos glotais (,682) e velares (,794). O fator palatal sofreu nocaute, pois todas as ocorrências foram referentes à manutenção da posterior, ou seja, neste contexto, ele não privilegiou o alteamento.

A regra de alteamento é favorecida pelos fatores labiais (,526) e velares (,532). O contexto velar foi aliado do alteamento nas pesquisas de Silva (1989), (,76); Celia (2004), (,67) e Amorim (2009), (,62). Já o fator labial privilegia a regra nos trabalhos de Silva (1989), (,62) e e Amorim (2009), (,59).

A consoante alveolar possui traço de articulação baixo, com a língua razoavelmente plana, e por esta razão ela pode inibir o alteamento e/ou preservar a vogal média (BISOL, 1981, p. 93). Por esta razão, como mostram nossos resultados, a alveolar

favoreceu o abaixamento. Quanto às vogais palatais e palatalizadas, elas inibem o alteamento de /O/, pois, segundo Bisol (1981, p. 95), elas desenvolvem uma ação dissimiladora, quando no contexto precedente. No entanto, no contexto seguinte, pode altear a posterior, caso condicionada à presença de uma vogal alta.

Ainda de acordo com Bisol (1981, p. 96), as labiais favorecem o alteamento de /O/, pois elas possuem em comum o traço de labialidade. Este traço pertence às vogais posteriores e se intensifica gradualmente da passagem da posterior baixa à posterior alta. Sendo assim, a comunhão do traço das consoantes labiais e das posteriores cria o ambiente favorável para o alteamento. No entanto, as labiais também aparecem como favorecedoras do abaixamento em nossos resultados. A explicação para isso se baseia no fato de que a articulação das labiais não é definida pela altura, e sim pelo traço arredondado que compartilha com a vogal posterior. Sendo assim, as consoantes labiais não necessariamente alterariam a posterior em todos os contextos, mas poderiam estar presentes diante da posterior baixa.

Já as consoantes velares favorecem o alteamento porque a elevação do dorso da língua caracteriza a sua articulação, ou seja, para produzir uma consoante velar, levanta-se o dorso da língua em direção ao palato mole. Sendo assim, o traço alto dessa consoante habilita o alteamento da posterior (BISOL, 1981, p. 98). Em nossa pesquisa, as velares não só favoreceram o alteamento, mas também a manutenção. Em relação ao abaixamento, as consoantes velares desempenharam papel inibidor.

5.4.2 Contexto fonológico seguinte

Tabela 14 – Atuação da variável contexto fonológico seguinte sobre a pretônica /O/

Contexto fonológico seguinte	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Alveolar / dental Ex.: <u>contaminar</u>	53.2% (621/1167)	,499	46.8% (546/1167)	,501	13.7% (85/619)	,431
Labiais Ex.: <u>trombose</u>	43.7% (311/711)	,524	56.3% (400/711)	,476	33.2% (188/567)	,614

Tabela 15 – Atuação da variável contexto fonológico seguinte sobre a pretônica /O/

(Continuação)

Contexto fonológico seguinte	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Palatais / palatalizadas Ex.: projeto	46.2% (90/ 195)	,334	53.8% (105/ 195)	,666	27.1% (39/ 144)	,500
Velares Ex.: <u>Lo</u> cais	79.6% (183/230)	,559	20.4% (47/230)	,441	8.6% (3/35)	,170
Glotais Ex.: <u>Mor</u> reu	46.7 (14/30)	,641	53.3% (16/30)	,359	20% (4/20)	,154

Fonte: própria autora

O contexto fonológico seguinte foi selecionado para as três regras. Como vemos, na tabela 13, os fatores labiais (,524), velares (,559) e glotais (,641) privilegiam a aplicação da regra de abaixamento. O fator labial (,75) aparece como aliado do abaixamento em Amorim (2009).

A manutenção é beneficiada pelos fatores palatais e palatalizadas (,666), já o fator alveolar (501) se apresenta neutro. A regra de alteamento tem como aliado o fator labial (,614), enquanto as palatais e palatalizadas se mostram quase neutras (,532).

Novamente o fator labial aparece como aliado para a regra de alteamento. Acreditamos que este fato se deve ao traço arredondado que a consoante labial compartilha com a vogal posterior. Além disso, retomando Celia (2004), quando ela argumenta que, com exceção das alveolares e velares, aliadas do abaixamento e do alteamento, as demais consoantes não são relevantes, pois ora aparecem para o abaixamento, ora para o alteamento. Neste caso, nossos resultados, quanto às labiais, exemplificam este argumento.

5.4.3 Atonicidade

Tabela 16 – Atuação da variável atonicidade sobre a pretônica /O/

Atonicidade	Abaixamento	Manutenção	Alteamento
	Frequência	Frequência	Frequência
Átona permanente	52.3% (1153/2206)	47.7% (1053/2206)	22.8% (298/1305)
Átona casual	51.2% (66/129)	48.8% (63/129)	26.2% (21/80)

Fonte: própria autora

O grupo atonicidade não foi selecionado para nenhuma das três regras, por isso dispomos apenas dos números percentuais. Sendo assim, como este grupo foi irrelevante, acreditamos que este não possui relevância para a vogal posterior.

5.4.4 Tipo de vogal tônica

Tabela 17 – Atuação da variável tipo de vogal tônica sobre a pretônica /O/

Tipo de vogal tônica	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[a]	76.1% (348/457)	,788	23.9% (109/457)	,439	29.6% (42/142)	,577
[ɛ]	81.1% (219/270)	,880	18.9% (51/270)	,120	32.9% (25/76)	,595
[e]	17.4% (24/138)	,124	82.6% (114/138)	,876	39.7% (75/187)	,581
[ɔ]	72.3% (34/47)	,853	27.7% (13/47)	,147	Nocaute	
[o]	12.1% (23/190)	,123	87.9% (167/190)	,877	4.6% (8/173)	,180
[i]	33% (115/348)	,294	67% (233/348)	,706	22.6% (67/296)	,570
[u]	50% (20/40)	,550	50% (20/40)	,450	9.1% (2/22)	,412
[ã]	68.8% (86/125)	,693	31.2% (39/125)	,307	21.4% (9/42)	,395

Tabela 18 – Atuação da variável tipo de vogal tônica sobre a pretônica /O/

(Continuação)

[ẽ]	69.1% (112/162)	,639	30.9% (50/162)	,361	40.8% (31/76)	,703
[õ]	88.2% (15/17)	,947	11.8% (2/17)	,053	Nocaute	
[ĩ]	20% (1/5)	,333	80% (4/5)	,667	33.3% (2/6)	,425
[ũ]	Sem ocorrência		Sem ocorrência		Nocaute	
Ditongos orais e nasais	41.6% (222/534)	,275	58.4% (312/534)	,725	16% (58/363)	,500

Fonte: própria autora

O grupo tipo de vogal tônica foi selecionado para as três regras. Como vemos na tabela 15, os fatores que contribuem positivamente com a regra de abaixamento são as vogais orais [u] (,550), [a] (,788), [ɔ] (,853), e [ɛ] (,880), assim como as vogais nasais [ẽ] (,639), [ã] (,693) e [õ] (,947). Na pesquisa de Celia (2004), os fatores aliados do abaixamento foram as vogais média baixa (,94) e baixa (,73) e, na pesquisa de Amorim (2009), o fator relevante foi a vogal posterior nasal (,72).

Os fatores que beneficiam a regra de manutenção são os seguintes: [i] (,706), [e] (,876) e [o] (,877), [ĩ] (,677) e os ditongos orais e nasais (,725). No trabalho de Yacovenco (1993), a vogal alta (,57) também foi relevante para a manutenção.

Na regra de alteamento, tivemos nocautes nos fatores [ɔ], [õ] e [ũ]. Já os contextos que privilegiam a regra de alteamento foram as vogais [i] (,570), [a] (,577), [e] (,581), [ɛ] (,595), e [u] (,703). Já a vogal [ẽ] (,500) se revela neutra. Na pesquisa de Celia (2004), as vogais altas [u] (,54) e [i] (,71) são aliadas do alteamento.

Como podemos perceber, as vogais aliadas do abaixamento são as pretônicas orais baixas, os contextos favorecedores da manutenção são as pretônicas orais médias e as vogais altas beneficiam o alteamento. As vogais nasais privilegiam as três regras.

5.4.5 Tipo de átona seguinte

Tabela 19 – Atuação da variável tipo de átona seguinte sobre a pretônica /O/

Tipo de átona seguinte	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[a]	77.8% (130/167)	,860	22.2% (37/167)	,140	7.9% (3/38)	,381
[ɛ]	44.4% (32/72)	,656	55.6% (40/72)	,344	42% (29/69)	,765
[e]	2.3% (5/220)	,066	97.7% (215/220)	,934	14% (35/250)	,477
[ɔ]	75% (54/72)	,888	25% (18/72)	,112	Nocaute	
[o]	1.4% (1/69)	,022	98.6% (68/69)	,978	2.9% (2/70)	,107
[i]	47.3% (159/336)	,431	52.7% (177/336)	,569	18.4% (40/217)	,418
[u]	46.5% (132/284)	,613	53.5% (152/284)	,387	11.6% (20/172)	,434
[ẽ]	10% (1/10)	,250	90% (9/10)	,750	Nocaute	
[ẽ]	63.6% (7/11)	,807	36.4% (4/11)	,193	55.6% (5/9)	,696
[õ]	40% (2/5)	,890	60% (3/5)	,110	Nocaute	
[i]	Sem ocorrência		Sem ocorrência		Nocaute	
Sem átona seguinte	64% (696/1087)	,567	36% (391/1087)	,433	33% (185/375)	,596

Fonte: própria autora

O tipo de átona seguinte foi selecionado para as três regras. De acordo com a tabela 16, os fatores que contribuem com o abaixamento são as vogais orais [u] (,613), [ɛ] (,656), [a] (,860), e [ɔ] (,888); e as vogais nasais [ẽ] (,807) e [õ] (,890); e o fator sem átona seguinte (,567). Em Celia (2004), a média baixa (,98) e a baixa (,90) foram aliadas do abaixamento. Já, em Amorim (2009), favoreceram a regra: a média anterior aberta (,75), a média posterior aberta (,77), a média anterior nasal (,78) e a posterior nasal (,94).

Os fatores aliados da manutenção são as vogais orais [i] (,569), [e] (,934) e [o] (,978), bem como a vogal nasal [ã] (,750). No trabalho de Yacovenco (1993), o fator alta (,64) privilegiou a manutenção e, no trabalho de Amorim (2009), o fator média

posterior fechada (,83) é aliado da manutenção. Já a regra do alteamento é favorecida pela vogal oral [ɛ] (,777) e pela vogal nasal [ẽ] (,696) e pelo fator sem átona seguinte (,596).

De acordo com nossos resultados, podemos observar que as vogais baixas foram aliadas da regra de abaixamento e as vogais médias foram aliadas da manutenção. No entanto, as vogais altas não fizeram o mesmo para a regra do alteamento. Sendo assim, acreditamos que a átona seguinte, para o alteamento da posterior, não foi tão significativa quanto à sílaba tônica. Ou seja, neste caso, a atuação da tonicidade sobre o alteamento da posterior foi mais relevante do que a vogal átona seguinte.

5.4.6 Distância da vogal tônica

Tabela 20 – Atuação da variável distância da vogal tônica sobre a pretônica /O/

Distancia da sílaba tônica	Abaixamento	Manutenção	Alteamento
	Frequência	Frequência	Frequência
Distância 1	63.9% (699/1094)	36.1% (395/1094)	32.9% (185/562)
Distância 2	35.2% (322/915)	64.8% (593/915)	15.2% (102/669)
Distância 3	62% (168/271)	38% (103/271)	23% (29/126)
Distância 4 ou mais	54.5% (30/55)	45.5% (25/65)	10.7% (3/28)

Fonte: própria autora

O grupo distância da vogal tônica foi excluído para todas as regras, por isso temos apenas os números percentuais. Por conta da exclusão deste grupo, inferimos que este não é relevante para a vogal posterior.

5.4.7 Estrutura da sílaba

Tabela 21 – Atuação da variável estrutura da sílaba sobre a pretônica /O/

Estrutura da sílaba	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Livre	60.4% (673/1114)	,626	39.6% (441/1114)	,374	38.3% (269/702)	,737
Travada	44.7% (546/1221)	,384	55.3% (675/1221)	,616	7.3% (50/683)	,257

Fonte: própria autora

O grupo estrutura da sílaba foi selecionado pelo programa para as regras de abaixamento, manutenção e alteamento. Na tabela 18, podemos observar que o fator livre (,626) favorece a regra do abaixamento, enquanto o fator travada (,384) a inibe. Na pesquisa de Amorim (2009), o fator livre (,51) também favorece o abaixamento. A regra de manutenção é favorecida pelo fator sílaba travada (,616), mas o fator livre (,374) não a favorece. Quanto à regra de alteamento, o fator livre (,737) é aliado da regra e o fator travada (,257) intimida o seu emprego.

De acordo com Bisol (1981), as sílabas travadas não favorecem o alteamento da vogal posterior, pois, mesmo quando nasalizada, distancia-se da alta posterior e se aproxima da área da vogal baixa posterior. Logo, acreditamos que, por esta razão, não obtemos fator favorecedor para a regra de alteamento.

5.4.8 Classe do vocábulo

Tabela 22 – Atuação da variável classe do vocábulo sobre a pretônica /O/

Classe do vocábulo	Abaixamento		Manutenção		Alteamento
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência
Verbo	48.3% (363/751)	,402	51.7% (388/751)	,598	27.5% (137/498)
Substantivo	54% (856/1584)	,547	46% (728//1584)	,453	20.5% (182/887)

Fonte: própria autora

O grupo classe do vocábulo foi selecionado para as regras de abaixamento e manutenção. O fator substantivo (,547) favorece a aplicação da regra de abaixamento e o

fator verbo (,402) a desfavorece. Já para a regra de manutenção, o fator favorecedor é o fator verbo (,598), enquanto o fator substantivo (,453) inibe a aplicação da manutenção. Em Amorim (2009), o fator substantivo (,51) também foi selecionado para o abaixamento.

Como dito anteriormente, o fator verbo, pela complexidade da sua estrutura tende a favorecer a regra de alteamento, enquanto os substantivos, pela menor complexidade de sua estrutura, inibem o alteamento. Por esta razão, o fator substantivo foi aliado do abaixamento, enquanto o verbo favoreceu a manutenção.

5.4.9 Sexo

Tabela 23 – Atuação da variável sexo sobre a pretônica /O/

Sexo	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Masculino	59.5% (762/1281)	,559	40.5% (519/1281)	,441	27.7% (186/672)	,556
Feminino	43.4% (457/1054)	,428	56.6% (597/1054)	,572	18.7% (133/713)	,447

Fonte: própria autora

O grupo sexo foi selecionado para as três regras. Sendo assim, o fator masculino (,559) é aliado da regra de abaixamento, ao contrário do fator feminino (,428). A regra de manutenção é favorecida pelo fator feminino (,572), enquanto o fator masculino (,441) a desfavorece. O fator masculino (,556) privilegia a regra de alteamento, enquanto o fator feminino (,447) intimida o seu uso.

Então, podemos observar que o sexo masculino favorece as regras de abaixamento e alteamento, ao passo que o sexo feminino favorece a manutenção. Ou seja, as variantes não padrão são as preferidas pelo sexo masculino, enquanto a variante padrão é a preferida pelo sexo feminino. No entanto, os pesos relativos obtidos em nossa pesquisa apenas indicam este fato e não os determina de forma categórica.

Retomando Holmes (2013), a autora deixa claro que homens e mulheres não usam formas completamente diferentes, mas diferentes quantidades das mesmas formas. Em outras palavras, dizemos também que produzem as regras de abaixamento e

alteamento, assim como os homens também usam a regra de manutenção, porém em frequências diferentes. Em concordância, Meyerhoff (2006, p. 206) diz que características linguísticas que apontam diretamente para o sexo, ou que são usadas exclusivamente por um sexo, são bastante raras.

5.4.10 Faixa etária

Tabela 24 – Atuação da variável faixa etária sobre a pretônica /O/

Faixa etária	Abaixamento	Manutenção	Alteamento	
	Frequência	Frequência	Frequência	Peso relativo
Faixa I (22-35)	48.9% (417/852)	51.1% (435/852)	11% (51/464)	,346
Faixa II (36-49)	54% (337/624)	46% (287/624)	31.8% (127/400)	,611
Faixa III (50 ou mais)	54.1% (465/859)	45.9% (394/859)	27.1% (141/521)	,554

Fonte: própria autora

O grupo faixa etária foi selecionado somente para a regra de alteamento. Os fatores favorecedores do alteamento são a faixa II (,611) e a faixa III (,554), já a faixa I (,346) inibe a sua aplicação. Nos estudos de Silva (1989) e Celia (2004), a faixa III também favorece o alteamento, (,56) e (,59) respectivamente. Podemos, então, observar uma tendência do grupo dos indivíduos de meia idade e dos mais idosos pela aplicação do alteamento e a rejeição do grupo dos jovens pelo alteamento. Sendo assim, vemos que a vogal posterior teve comportamento semelhante à vogal anterior, e, logo, os mais jovens evitam o alteamento, enquanto os indivíduos de meia idade e os idosos são aliados dessa regra.

5.4.11 Monitoramento estilístico

Tabela 25 – Atuação da variável monitoramento estilístico sobre a pretônica /O/

Monitorament o estilístico	Abaixamento		Manutenção		Alteamento	
	Frequênci a	Peso relativ o	Frequênci a	Peso relativ o	Frequênci a	Peso relativ o
D2	53.7% (372/693)	,561	46.3% (321/693)	,439	32.2% (148/459)	,644
DID	52.9% (478/904)	,501	47.1% (426/904)	,499	25.5% (141/553)	,581
EF	50% (369/738)	,441	50% (369/738)	,559	8% (30/373)	,229

Fonte: própria autora

O grupo monitoramento estilístico foi selecionado para as três regras. O fator D2 (,561) é aliado do abaixamento, já o fator DID (,501) é neutro e o fator EF (,441) é desfavorecedor da regra. A manutenção é favorecida pelo fator EF (,559) e os fatores D2 (,439) e DID (,499) não são aliados da regra. O alteamento tem como aliados os fatores D2 (,644) e DID (,581), ao passo que o fator EF (,229) intimida a sua aplicação. Nos demais trabalhos, esta variável não foi selecionada.

Sendo assim, os registros mais informais, como D2 e DID, favorecem o abaixamento e o alteamento. Já o registro mais formal, o EF, favorece a manutenção. Este resultado era esperado, pois, em contextos do D2 e DID, os falantes estão se reportando a um amigo (a) e/ou ao entrevistador, respectivamente. Desse modo, favorecendo o emprego das variantes baixas ou altas. Já nas situações de maior formalidade, como o EF, o falante está se dirigindo aos seus alunos ou ouvintes de palestra e, por esta razão, fez mais o uso das variantes médias. O que pode ser explicado de acordo com a teoria *Audience Design* (BELL, 1984), segundo a qual o falante muda sua forma de falar, levando em consideração o tipo de audiência que vai ouvi-lo. Portanto, as regras de abaixamento e alteamento são mais fáceis de serem encontradas em conversas direcionadas a amigos e ao entrevistador, do que na audiência de uma sala de aula ou numa plateia de ouvintes em uma palestra num auditório.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, investigamos a atuação dos fatores linguísticos e sociais sobre a variação das pretônicas médias /E/ e /O/, na fala culta de Fortaleza-CE, com base em uma amostra constituída entre 1993 a 1996, a partir de 34 informantes provenientes do banco de dados do PORCUFORT (Projeto Oral Culto de Fortaleza). A estratificação da amostra foi dividida em sexo (masculino e feminino), faixa-etária (faixa I 22-35, faixa II 36-49 e faixa III 50 ou mais) e monitoramento estilístico (DID, D2 e EF).

Nosso objetivo principal foi analisar a atuação dos fatores linguísticos (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, atonicidade, tipo de vogal tônica, tipo de átona seguinte, distância da vogal tônica, estrutura da sílaba e classe do vocábulo) e sociais (sexo, faixa etária e monitoramento estilístico) sobre as regras de abaixamento, manutenção e alteamento.

Ao todo coletamos 3.206 ocorrências para a vogal anterior e 2.654 ocorrências para a vogal posterior. Sendo assim, as ocorrências foram codificadas e submetidas à análise do programa GoldVarb X. As rodadas preliminares evidenciaram que a regra de manutenção é a favorita, dentre as variantes da vogal anterior. Já, em relação à vogal posterior, a regra mais empregada é a do abaixamento. Portanto, não houve prevalência da regra do abaixamento em nossa amostra, como era esperado de acordo com as premissas de Câmara Jr. (1940 [1988]). Pelo contrario, pudemos constatar que as variantes abertas e fechadas competem, acirradamente, dentro da comunidade de fala dos fortalezenses cultos.

Quanto ao papel desempenhado pelas variáveis linguísticas, podemos dizer que os grupos de fatores que exerceram maior influência foram a sílaba tônica, a átona seguinte e os contextos fonológicos precedentes e seguintes. Já em relação às variáveis sociais, notamos que os mesmos não são tão determinantes quanto as variantes linguísticas, porém na análise do grupo monitoramento estilístico, obtivemos resultados interessantes, como a variante posterior alta, considerada estigmatizada, pois se afasta da norma escrita, sendo empregada em inquéritos D2, que, em nossa amostra, é o tipo de registro mais formal.

As variantes altas, tanto da vogal anterior quanto da vogal posterior, obtiveram percentuais de aplicação muito baixos. Ou seja, em nossa amostra, a ocorrência das variantes altas foi pouco produtiva. Supomos, então, que este fato tem direta relação com o nível de escolaridade dos nossos informantes, já que o alteamento é uma regra que se distancia da norma padrão. Assim, através dos dados obtidos em nossa pesquisa, podemos inferir que o alteamento se mostrou pouco produtivo na fala culta de Fortaleza-CE na década de 1990.

Diante disso, podemos notar que, na comunidade de fala culta de Fortaleza-CE, no início da década de 1990, o embate se dá entre as regras de abaixamento e manutenção, as quais, em nossa amostra, não apresentaram indícios de uma mudança em progresso. Pois, para isso, seria necessário que os resultados dos pesos relativos do grupo faixa etária apresentassem uma gradação decrescente na aplicação de uma variante ou outra. Como isto não ocorreu em nossa amostra, cremos que as vogais pretônicas estejam em variação estável e não em mudança em progresso. Como nossa amostra representa a fala dos fortalezenses cultos da década de 90, deixamos, como sugestão para estudos futuros, a análise das vogais pretônicas em tempo real, ou em tempo aparente, desde que considerando variáveis que não puderam ser abordadas nesta pesquisa, como a variável escolaridade, já que, em nosso estudo, investigamos o fenômeno somente na fala de indivíduos cultos.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística - parte I. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v 1, 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 21-47.
- AMORIM, Gustavo da Silveira. **O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista de língua falada culta do Recife**. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Artes e Comunicação, Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: < http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/7532/arquivo3952_1.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 de ago. de 2016.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, 2011. v. XV. p. 835-845. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2016.
- _____. **As vogais médias pretônicas no falar no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 152 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação de Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: < http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3597/1/2007_tese_ALAraujo.pdf>. Acesso em: 01 agosto 2016.
- _____. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 111 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará (Dissertação de Mestrado). Fortaleza, 2000.
- AVELHEDA, Anna Carolina da Costa; BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira. **Alteamento das vogais médias pretônicas nas cidades de São Fidélis e Rio de Janeiro: uma análise comparativa**. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. Abralín Curitiba 2011, 2011. p. 450-464.
- BELL, Allan. Language as audience design. **Language in society** 13. 145-204, 1984. Disponível em: < <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/bell1984.pdf> > Acesso em: 04 nov. 2017.
- BISOL, Leda. O alicamento da vogal pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (Orgs.). **Português no Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-93.
- _____. **Harmonização Vocálica: uma regra variável**. 1981. 334 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de educação superior. **Programa de expansão do sistema público federal de ensino superior**. 2004/2006. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/expifef_acs.pdf > Acesso em 11 de out. 2017.

BRUNO, Artur; FARIAS, Airton de. **Fortaleza**: uma breve história. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2012.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNESP. Prograd. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11. Disponível em: <
https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf > Acesso em: 13 nov. 2016.

_____. **Sociolinguística – Parte II**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 49-75.

CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. [1940] **Problemas de linguística descritiva**. 13 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

_____. Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Gênero e identidade no contato linguístico. **Papia** (Brasília), v. especial, p. 25-43, 2011. Disponível em: <
<http://revistas.fflch.usp.br/papia/search/authors/view?firstName=Daisy&middleName=B%C3%A1rbara%20Borges&lastName=Cardoso&affiliation=SEEDF&country=>> > Acesso em: 17 nov. 2016.

CARINHATO, Pedro Henrique Silva. As políticas sociais no contexto da reforma do Estado. In: **III Lutas Sociais na América Latina**, 2008, Londrina. III Lutas Sociais na América Latina. 2008. p. 1-12 Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/pedrohenrique.pdf> > Acesso em: 14 out. 2017.

CARMO, Débora Lopes.; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Os verbos botar e colocar no falar culto de Fortaleza: uma fotografia sociolinguística. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6. N. 16, p. 282 – 297, jul. 2015. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/edicoes/21/18112015102622.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

CARMO, Maria Cristina do. As vogais médias pretônicas dos verbos no dialeto do noroeste paulista: análise sob a perspectiva da Teoria Autossegmental. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, p. 83-92, 2009, n.38,. Disponível em: <
<http://docplayer.com.br/42165548-As-vogais-medias-pretonicas-dos-verbos-no-dialeto-do-noroeste-paulista-analise-sob-a-perspectiva-da-teoria-autossegmental.html> > Acesso em: 05 nov. 2017.

CARVALHO, Hebe Macedo de; ARAÚJO, Aluiza Alves de; NETO, Artur Viana do Nascimento. O uso do presente do subjuntivo em variação com o presente do indicativo no falar culto de Fortaleza. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, Vitória, v. 11, n. 19, 2017. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/16932> > Acesso em: 22 out. 2017.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. O demonstrativo e seus usos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 01, p. 157-181, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10413/9680>>. Acesso em: 11 out. 2017.

CEARÁ. Instituto de pesquisa e estratégia econômica do Ceará (IPECE). **Perfil municipal de Fortaleza**, Tema VII: Distribuição Espacial da renda pessoal. 2012. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br/informe/informe%2042-ultimaversao.pdf> > Acesso em: 06 nov. 2017.

CELIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES**. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos em Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000316849>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

COELHO, Tatiana Maria Silva. **A sínclise dos substantivos pessoais átonos no português oral culto de Fortaleza**: aspectos sociolinguísticos. 2003. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-graduação em Linguística – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8750/1/2003_dis_tmscoelho.pdf> Acesso em: 10 nov. 2017.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

_____. **Sociolinguística**. 1. ed. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. v. 1. 172p. Disponível em: <http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf > Acesso em: 13 nov. 2016.

CORBUCCI, Paulo Roberto. O ensino superior brasileiro na década de 90. **Políticas Sociais (IPEA)**, Brasília, v. 2, p. 105-109, 2001. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas_sociais/ensiao2_ensino.pdf > Acesso em: 24 out. 2017.

DÖNYEI, Zoltán. Qualitative, quantitative, and mixed methods research. In: **Research methods in applied linguistics**. Oxford University Press, 2007, p. 24-47.

DUARTE, Maria Eugênia; PAIVA, Maria da Conceição. A variação linguística e o papel dos fatores linguísticos. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. Eletrônico, n. Especial, p. 91-120, 2011. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/viewFile/32347/20547>. Acesso em: 17 jun. 2017.

ECKERT, Penelope. “Ages as a sociolinguistic variable”. In: COULMAS, Florian (Org.). **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

Disponível em: <

https://www.researchgate.net/profile/Jan_Blommaert/publication/241854105_Pragmatics_and_discourse/links/541eb0160cf2218008d33dd6/Pragmatics-and-discourse.pdf >

Acesso em: 10 out. 2017.

FELICE, Ana Carolina Garcia Lima. **Um estudo variacionista e fonológico sobre o acento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense**. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. Dissertação de mestrado. 148 f.

Uberlândia. 2012. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15419> >. Acesso em 12 out. 2017.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidade e limitações. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n.3, p. 917- 944. 2012. Disponível em: <

<http://www.ceap.br/material/MAT21042014231932.pdf> > Acesso em: 21 jun. 2017.

GONDIM, Emanuela Monteiro. O uso do clítico na fala culta de Fortaleza.

Entrepalavras, Fortaleza, ano 1, v.1, n.1, p. 37-47, ago/dez 2011. Disponível em: < <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/3/47> >. Acesso em: 07 out. 2017.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

HOLMES, Janet. **An introduction to sociolinguistics**. NY: Routledge, p. 159-180, 2013. Disponível em: < https://abudira.files.wordpress.com/2017/04/janet_holmes.pdf > Acesso em: 21 de out. 2016.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. 389 p. Título original: Sociolinguistic Patterns.

_____. **Where does the linguistic variable stop?: A response to Beatriz Lavandera** Sociolinguistics Working Paper. Texas, n. 44, p. 1-16, 1978. Disponível em: < <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED157378.pdf> > Acesso em: 18 nov. 2016.

LEE, Seung Hwa. Sobre as vogais pré-tônicas no português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. XXXV, 2006. p. 166-175.

LIMA, Tereza Maria de. **O emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza**. 2016. 157 f. Dissertação (Mestrado em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, Brasil. Redenção. 2016.

LIMA, Maria Claudete. **Elementos para um Estudo da Voz, em Especial, da Voz Média em Português**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Mimeo, 1999.

_____. A voz média no discurso oral do português: uma abordagem funcionalista. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, p. 60-71, 2002. Disponível em: < [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(23\)02.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(23)02.htm) > Acesso em: 17 nov. 2016.

_____. Reflexões sobre a medialidade em português. In: Seção de Linguística; Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos. (Org.). **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. 1. ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. II, 2005. p. 547-556. Disponível em: <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4585.pdf>. Acesso em: 11 out. 2017.

LUCCHESI, Dante; ARAUJO, Silvana. **A Teoria da Variação Linguística**. S/A. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em: 06 nov. de 2016.

MAIA, João Paulo Ferreira. **Variação na concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza- CE**. 111 f. (Dissertação de Mestrado). UFC: Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8288?locale=es>>. Acesso em: 22 out. 2017.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**. [1934] 3 ed. Curitiba: HD Livros Editora. 1996.

MEYERHOFF, Mirian. **Introducing Sociolinguistics**. London and NY: Routledge, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.) **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. A formação dos diminutivos no Português. In: HORA, Dermeval da. **Diversidade linguística do Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997, p. 115-130.

NASCENTES, Antenor. [1922] **O linguajar carioca**. 2 ed., Rio de Janeiro: Simões, 1953.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita. **Caderno do CEALE – FAE/UFMG**. Belo Horizonte: MEC, 2005. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%202003%20Conhecimento_Linguistico.pdf> Acesso em: 15 nov. 2016.

PINHEIRO, Clemilton Lopes; CAMPELO, Kilpatrick Müller Bernardo. (Orgs.). **Português oral culto de Fortaleza: estudos descritivos**. Fortaleza: EdUECE, 2007.

_____. (Org.). **Estudos sobre a língua culta falada em Fortaleza: explorando dados do porcufoort**. Fortaleza: Tipogresso, 2010.

PINHEIRO, Regina Cláudia. A regência do verbo *ir* de movimento por falantes cultos de Fortaleza – Ce: relação entre ensino e pesquisa. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 27, n. 1, p. 55-72, jun. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/77807/84805>>. Acesso em: 18 set. 2017.

PRETI, Dino. O discurso oral culto. 2ª. ed. São Paulo: **Humanitas Publicações**, 1999. 250p.

ROMÃO, Frederico Lisbôa. Brasil década de 90: a recorrência das desigualdades em meio a muitas transformações. In: **XI Congresso Brasileiro de sociologia**, 2003, Campinas. Sociologia e conhecimento além das fronteiras. Campinas: 2003. v. 1. p. 251-252.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto. 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do VARBRUL. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, p.147-178, 2003.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In.: **Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

SEVERO, Cristine Gorski. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, v. 9, p. 01-17, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237690131_A_COMUNIDADE_DE_FALANA_SOCIOLINGUISTICA_LABOVIANA_ALGUMAS_REFLEXOES> Acesso em: 21 jun. 2017.

SILVA, José Pereira da. O conceito de erro em sociolinguística. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**, v. IX, p. 110-115, 2011. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/110.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2016.

SILVA, Klébia Enislaine do Nascimento e; LUCENA, Izabel. Larissa. *Quem sabe/talvez*: uma análise variacionista da modalidade epistêmica no português oral culto de Fortaleza. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n. 1, 2010, p. 11-21. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9349/6703>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

SILVA, Ailma do Nascimento. **As pretônicas no falar teresinense**. 2009. 236 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4043/1/000424800-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 01 de ago. de 2016.

SILVA, Myrian Barbosa da. **As pretônicas no falar baiano**: a variedade culta de Salvador. 1989. 371 f. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Faculdade de letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SOUSA, Fernando José Pires de. TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS E INSTITUCIONAIS NO CEARÁ: Repercussões nas Finanças Públicas do Estado. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 38, p. 602-621, 2007. Disponível em: <

https://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=1067 >
Acesso em: 22 out. 2017.

VIEGAS, Maria do Carmo. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. 2001. 215 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.



_____. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. 1987. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

WEINRICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Empirical Foundations for a Theory of Language Change**. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yacov, 1968. Directions for historical linguistics. Austin. University of Texas Press. 95-195.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. **As vogais médias pretônicas no falar culto carioca**. 1993. 185f. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1993.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética.

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA																	
Título da Pesquisa: AS REALIZAÇÕES DAS VOGAIS /E/ E /O/ NO FALAR CULTO DE FORTALEZA-CE SOB A PERSPECTIVA VARIACIONISTA Pesquisador Responsável: Brenda Almeida Área Temática: Versão: 1 CAAE: 63886617.8.0000.5534 Submetido em: 19/01/2017 Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada Situação da Versão do Projeto: Aprovado Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável Patrocinador Principal: Financiamento Próprio																	
																	
Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_851711																	
- DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA																	
<ul style="list-style-type: none"> ↳ Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 1 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Projeto Original (PO) - Versão 1 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Documentos do Projeto <ul style="list-style-type: none"> ↳ Comprovante de Recepção - Submissão ↳ Cronograma - Submissão 1 ↳ Folha de Rosto - Submissão 1 ↳ Informações Básicas do Projeto - Subm ↳ Projeto Detalhado / Brochura Investigat ↳ Apreciação 1 - UNIVERSIDADE ESTADUA ↳ Projeto Completo 		<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="width: 33%;">Tipo de Documento</th> <th style="width: 16%;">Situação</th> <th style="width: 16%;">Arquivo</th> <th style="width: 16%;">Postagem</th> <th style="width: 19%;">Ações</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> </tbody> </table>						Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações					
Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações													
- LISTA DE APRECIACIONES DO PROJETO																	
Apreciação	Pesquisador Responsável	Versão	Submissão	Modificação	Situação	Exclusiva do Centro Coord.	Ações										
PO	Brenda Almeida	1	19/01/2017	10/04/2017	Aprovado	Não	